



João Mariz

**“Todos por Um
Reflexão sobre o nacionalismo no jornalismo desportivo”**

2º Ciclo de estudos
Ciências da Comunicação, ramo de Jornalismo

Orientador: Prof. Doutor Ricardo Jorge Pinto

Porto, Janeiro 2014

Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa, para a obtenção de grau de mestre em Ciências da Comunicação, ramo de Jornalismo, sob a orientação do Prof. Doutor Ricardo Jorge Pinto

Agradecimentos

Ao Prof. Doutor Ricardo Jorge Pinto, pela inspiração durante todo o projecto por trás desta dissertação de mestrado.

À Universidade Fernando Pessoa, por me ter concedido a oportunidade de tirar um mestrado num curso que me entusiasma, quando outras portas foram fechadas.

À minha Mãe que tudo, por todo o amor e apoio “quase” incondicional, com a condição única de que seja recíproco. E é.

Aos meus pais, por sempre terem dado tudo por mim e, quando tudo não é suficiente, por darem sempre um bocadinho extra.

À minha irmã, pelo seu exemplo de empenho e de tenacidade contra todos os obstáculos.

Ao meu sobrinho pelo sorriso sempre fácil.

À minha família mais chegada por todo o carinho.

Ao meu tio maluco e à minha tia também um bocadinho maluca por me mostrarem com o seu exemplo que, por vezes, mesmo com o mundo todo contra nós, a razão está do nosso lado.

Ao meu primo mais novo por partilhar o meu fervor pelo desporto com a mesma paixão.

À minha avó por me demonstrar que a vida não é um sprint de 100 metros, mas antes uma maratona e que não é terminar em 1º o mais importante, mas sim os amigos que fazemos durante a corrida.

Ao meu irmão grande desde pequeno, companheiro de histórias de infância e amigo para a vida.

Ao meu amigo que apita a passar nos detectores de metais, pela amizade e por me provar que os amigos verdadeiros não crescem nas árvores, mas são um privilégio.

À minha irmã emigrada no Algarve, por me provar que família é muito mais que sangue, é ser feliz ao fazer parte duma equipa.

À Mena e ao João por me tratarem como se fosse um filho.

Ao meu tio Nando por todo o “fair-play” desportivo que me ensinou em miúdo.

Ao meu avô Zé pelas fabulosas memórias e pelo sentido até já.

Resumo

Esta dissertação pretende demonstrar como o fenómeno do nacionalismo funciona como um obstáculo à isenção da comunicação social no seio da actividade do jornalismo desportivo. O 'superior interesse nacional', seja demonstrado através do apoio declarado dos media à selecção nacional ou aos clubes sediados em Portugal, demite os mesmos dos seus deveres de fazerem chegar ao público uma informação livre, objectiva e que não funcione como um meio de propaganda em favor de uns e em desfavor de outros, apenas porque o jornalista partilha ou não a nacionalidade com a equipa desportiva em causa.

Através da análise do acompanhamento dado pela imprensa desportiva nacional à selecção portuguesa nos grandes certames internacionais, bem como à carreira das equipas portuguesas nas provas europeias, percebemos que o fenómeno está bem enraizado no jornalismo desportivo português. Os jornalistas assumem sem pudores conhecer e seguir o “interesse nacional” acima da objectiva narração dos factos, manifestando-se este fenómeno nacionalista através da exaltação clubista, seja a selecção ou a equipa desportiva que está sediada em Portugal.

Esta noção ignora deliberadamente vários factores importantes, tais como o crescente fenómeno da globalização, o facto da informação prestada não ter como destinatários apenas cidadãos portugueses ou a possibilidade de um fervor clubista ultrapassar as fronteiras duma nação. Desta forma, e ignorando tudo o que o rodeia em nome duma ideia arcaica de interesse nacional acima da informação, o jornalista está a funcionar como um obstáculo à transmissão de uma informação imparcial e objectiva nos meios de comunicação social.

Palavras-chave: Nacionalismo, Desporto, Globalização, Rivalidade, Jornalismo Desportivo, Comunicação Social

Abstract

This thesis aims to demonstrate how the concept of nationalism acts as a barrier to the impartiality within the activity of sports journalism. The 'greater national interest', being demonstrated through the avowed support of the media to the national team or clubs based in Portugal, dismiss them from their duties to give the public a free, objective information, one which doesn't act as an advertising medium, favoring some over others, just because the journalist shares or doesn't share the nationality with the sports team in question.

Analyzing the follow-up given by the national sports media to the portuguese national team in major international competitions, as well as the career of the portuguese teams in european competitions, we realized that the phenomenon is well established in portuguese sports journalism. Journalists assume, without shame, to know and follow the "national interest" above the objective narrative of the facts, manifesting this nationalist phenomenon by clubistic exaltation, regarding the national team or the sports team that is based in Portugal.

This notion deliberately ignores several important factors, such as the growing phenomenon of globalization, the fact that the information given might not be addressed only to portuguese citizens or the possibility of a clubistic passion going beyond the borders of a nation. Thus, and ignoring everything that surrounds it on behalf of an archaic notion of national interest above information, the journalist is acting as an obstacle to an impartial and objective information in the media.

Keywords: Nationalism, Sports, Globalization, Rivalry, Sports Journalism, Media

Índice

AGRADECIMENTOS	3
RESUMO.....	4
ABSTRACT.....	5
INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I - DEFINIÇÃO DE NACIONALISMO	12
CAPÍTULO II - A SELECÇÃO NACIONAL	18
2.1. A entrada do nacionalismo no desporto português.....	18
2.2. "Guerra" um mundo cada vez mais global	22
2.3. Jogador Português - o melhor do Mundo.....	30
CAPÍTULO III - CLUBE PORTUGUÊS NAS COMPETIÇÕES INTERNACIONAIS	38
3.1. Representante nacional no estrangeiro ou clube independente?	38
3.2. Rivalidades portuguesas nos rankings mundiais	45
3.3. Os media e o ignorar destas rivalidades	49
3.4. O exemplo dos jornais espanhóis- o assumir das rivalidade	55
CAPÍTULO IV - GLOBALIZAÇÃO E QUEBRAS DE FRONTEIRAS DO NACIONALISMO	60
4.1. Clubes do Mundo.....	60
4.2. O factor Emigração	64
4.3. Clubes portugueses / atletas estrangeiros vs clubes estrangeiros / atletas portugueses	68
CONCLUSÃO	75
BIBLIOGRAFIA.....	77
ANEXOS	

ÍNDICE DE FIGURAS E QUADROS

ÍNDICE DE FIGURAS

FIGURA 1.....	21
FIGURA 2.....	24
FIGURA 3.....	29
FIGURA 4.....	30
FIGURA 5.....	34
FIGURA 6.....	36
FIGURA 7.....	36
FIGURA 8.....	44
FIGURA 9	46
FIGURA 10.....	50
FIGURA 11.....	50
FIGURA 12.....	53
FIGURA 13.....	54
FIGURA 14.....	54
FIGURA 15.....	56
FIGURA 16.....	56
FIGURA 17.....	58
FIGURA 18.....	59
FIGURA 19.....	59
FIGURA 20.....	70
FIGURA 21.....	73
FIGURA 22.....	703

ÍNDICE DE QUADROS

QUADRO 1 – NACIONALISMO GEOPOLÍTICO, SENTIMENTO DE PERTENÇA DOS CIDADÃOS.....	35
QUADRO 2 – LISTA DAS DEZ MAIORES RIVALIDADES EUROPEIAS.....	48
QUADRO 3 - CLUBES DE PREFERÊNCIA DOS EMIGRANTES PORTUGUESES.....	65
QUADRO 4 - FICHA DE JOGO (APOEL – FC PORTO).....	69
QUADRO 5 – FICHA DE JOGO (VIDEOTON – SPORTING).....	72

Introdução

O objectivo deste estudo consiste na reflexão sobre as liberdades concedidas ao jornalismo desportivo no que toca ao fenómeno dos nacionalismos e dos sentimentos de pertença a um determinado País e/ou região. O enfoque principal é dado ao caso de Portugal, seja quando este está a ser representado pela selecção nacional, mas também por um clube português. Através da análise dos vários jornais desportivos, é possível percebermos que esta prática não só é aceite sem relutância, como também é incentivada em nome de algo que é visto no jornalismo desportivo como sendo o superior interesse da nação.

Procuramos entender o que leva a este fenómeno, questionando-nos do porquê de um jornalista estar disposto a infringir de livre vontade o seu próprio código de ética apenas porque uma selecção ou clube desportivo português estão em acção. Tentamos obter resposta ao crescente incentivo desta prática e ao levantamento total das barreiras normais do jornalismo, quando está em jogo uma colectividade de índole nacional contra outra de índole estrangeira.

Primeiramente, tentámos perceber o porquê do jornalista desportivo ser visto como um profissional com algumas liberdades que não são admitidas a um jornalista generalista. Porque é considerado algo relativamente normal e saudável, o enaltecer dos feitos dum clube desportivo português em detrimento dos estrangeiros, quando tal não é admitido no que concerne à política, à cultura e todas as outras formas de fazer notícia. Ao mesmo tempo, é permitida ao jornalista desportivo a veleidade de funcionar, ao mesmo tempo, como representante dum meio de comunicação social e como adepto, enquanto narra um jogo para uma televisão ou rádio, ou enquanto escreve uma crónica para um jornal ou revista, sempre com a justificação de este ser do interesse nacional.

De forma a vislumbrar onde se verifica um nacionalismo mais exacerbado e onde é tido como mais aceitável este fenómeno, são analisados exemplos de várias problemáticas que surgem ao jornalista quando toma um partido, e como elas são dribladas pelos media. No entanto, só tendo em conta que uma capa dum jornal ou uma crónica do mesmo são totalmente distintos dum relato desportivo, e que este mesmo varia se for feito para uma rádio ou para um canal televisivo, é que poderá ser feita uma análise imparcial e fundamentada.

É incentivada a parcialidade e o nacionalismo? Se a resposta for afirmativa, será este “nacionalismo parcial” salutar ou condenável? Este estudo pretende responder a estas questões, ao mesmo tempo que procura demonstrar que é uma prática que está longe de ser consensual, à luz de três parâmetros: a ética jornalística; o facto de ignorar totalmente a crescente globalização mundial; e as fortes rivalidades que marcam o mundo do desporto de clubes, que impedem este sentimento nacional generalizado. Por isto, a dissertação está dividida em quatro capítulos.

O primeiro capítulo, intitulado “Definição de Nacionalismo”, versa sobre a definição deste fenómeno, bem como as suas implicações no conceito de ética jornalística. Este, à excepção dos outros capítulos, não se encontra dividido em subsecções. Aqui procuramos perceber o que é o nacionalismo, o que significa o sentimento de pertença a um dado país e uma dada nação para, nos capítulos seguintes, ser de mais fácil compreensão como este fenómeno apareceu no desporto português, mais particularmente no futebol.

No segundo capítulo, “A Selecção Nacional”, procuramos entender como funciona a selecção portuguesa no mundo do jornalismo desportivo nacional e como este nacionalismo vincado acabou por afectar o acompanhamento dado pela imprensa aos clubes desportivos nacionais em competições internacionais. Neste capítulo, é feita uma reflexão à ética jornalística por detrás deste acompanhamento à selecção nacional, como pensamento

exploratório para os dois capítulos seguintes, onde tal é aprofundado em relação aos clubes desportivos nacionais. Este encontra-se dividido em três secções, a primeira intitulada “Entrada do Nacionalismo no Desporto Português”; a segunda “«Guerra» a um Mundo cada vez mais global” e a terceira “Jogador português – o melhor do Mundo”.

No terceiro capítulo, tentamos entender o que leva os jornalistas a tratarem ambos como sendo semelhantes, ignorando as especificidades adjacentes aos clubes desportivos nacionais e as características que os diferenciam da selecção nacional. Intitulado “O clube português nas competições internacionais”, este divide-se em quatro secções: “Representante nacional no estrangeiro ou clube independente?”; “Rivalidades portuguesas nos rankings mundiais”; “Os media e o ignorar das rivalidades” e “O exemplo dos jornais espanhóis – o assumir das rivalidades”. É aqui que se pretende abordar a confusão entre o papel de jornalista desportivo e adepto, quando está em jogo uma equipa desportiva nacional contra outra estrangeira, com especial ênfase para o papel das rivalidades no mundo do futebol, algo nem sempre bem compreendido pelos meios de comunicação social.

O quarto e último capítulo, que versa o conceito da Globalização, tem como título “Globalização e quebra de fronteiras do nacionalismo”. Este procura compreender a real dimensão do nacionalismo num mundo cada vez mais global. Encontra-se dividido em três secções: “Clubes do Mundo”, “O factor emigração” e “Clubes portugueses / atletas estrangeiros vs. clubes estrangeiros / atletas portugueses”.

Capítulo I

Definição de Nacionalismo

Para compreendermos os entraves de ordem deontológica que o sentimento de pertença do jornalista ao seu próprio país de origem pode colocar, problema esse com o qual o jornalista desportivo é confrontado diariamente no exercício da sua profissão, primeiro é necessário avaliar com rigor o que é este fenómeno intitulado por nacionalismo. A sua definição torna-se essencial para podermos compreender a fundo como o simples facto de este ser português pode, sem que o profissional dê sequer conta de tal problema, ser um limite claro às obrigações éticas como jornalista. O jornalista deve “relatar os factos com rigor e exactidão e interpretá-los com honestidade” segundo estatui o ponto primeiro do código deontológico da profissão, aprovado a 4 de Maio de 1993, em assembleia-geral do Sindicato dos Jornalistas.

Numa definição mais simplista do fenómeno, a *Enciclopédia Polis* explica que o nacionalismo é a “doutrina que defende a organização do Estado como realização da unidade moral, política e económica da nação, entendida como realidade substantiva e totalidade orgânica, categoria autónoma superior à soma das partes que a compõem” (Polis, 1986, p. 503). Esta fonte define o conceito como um “princípio espiritual, mas também entidade social, actividade económica, valor nacional, personalidade jurídica e poder político” (1986, p. 504).

Uma explicação mais complexa é dada por Liah Greenfeld (1992, p. 3 – 4), na sua obra *Nationalism, five roads to modernity*, em que a autora procura perceber o mundo em que vivemos, sendo que o nacionalismo é, na sua opinião, a “premissa fundamental” do mesmo:

“(…) nationalism locates the source of individual identity within a «people», which is seen as the bearer of sovereignty, the central object of loyalty, and the

basis of collective solidarity. The «people» is the mass of a population (...) which is usually perceived as larger than any concrete community and always as fundamentally homogeneous, and only superficially divided by the lines of status, class, locality, and in some cases even ethnicity. (...) The idea which lies at the core of nationalism is the idea of the «nation»”

No entanto, bem antes do aparecimento sequer deste conceito de nacionalismo, já era clara a atribuição de significado generalizado da população ao sentimento de pertença nacional. O historiador José Mattoso (1998, p. 29) revela-nos que desde o tempo dos primeiros reis portugueses se verifica o uso de símbolos e emblemas para unificar o povo à volta duma causa, naquela altura o rei, representante máximo da portugalidade e dos méritos e qualidades inerentes à mesma:

“A restante população do País foi provavelmente mais influenciada no processo de consciencialização nacional pelo uso constante de emblemas e sinais concretos, como o escudo de armas do rei, a bandeira nacional e a moeda. Tornaram-se, de facto, sinais indicadores.”

O autor explica que estes símbolos funcionavam como imagens que detinham um poder emocional muito mais forte que qualquer emblema primitivo anterior, tornando assim a missão de união à volta do rei em algo mais acessível e duradouro ao longo dos tempos, reforçando os laços de pertença a uma comunidade comum por parte de toda a população do reino português (1998, p. 29).¹

É portanto seguro afirmar que, mesmo antes do aparecimento do complexo fenómeno do nacionalismo, a semente do seu conceito não era propriamente estranha à população portuguesa, à imagem do que se passava no resto do Mundo. O nacionalismo tem história e tem raízes mais fundas e que vão além do aparecimento desta noção após a Revolução Francesa, conforme nos é dado a conhecer através de definições mais simplistas do termo. Vários

¹ “E assim, mesmo quando as mudanças de regime faziam alterar a sua forma, como aconteceu frequentemente com a bandeira nacional, o escudo de armas de rei permaneceu sempre como elemento permanente, mesmo quando deixou de haver rei. Ainda hoje figura na bandeira de Portugal.”

autores de renome se debruçaram sobre esta matéria com intenção de compreender melhor o seu surgimento e mais importante ainda, a sua influência nos mais variados quadrantes da sociedade. E se foi por altura da Revolução Francesa que este se propagou como ideologia de referência, a verdade é que rapidamente se estabilizou e criou as bases para o começo de uma nova era a nível global, marcada por um sentimento condicionado (ainda que inconscientemente) de pertença a um determinado grupo social, apenas e só pela partilha duma nação de origem do cidadão.

Ernest Gellner (1987, p. 16), na sua obra de referência *Culture, identity and politics* dá uma importante noção deste condicionamento inconsciente e de como o nacionalismo faz parte de cada um de nós:

“In such an environment, a man’s culture, the idiom within which he was trained and within which he is effectively employable, is his most precious possession, his real entrance-card to full citizenship and human dignity, to social participation. The limits of his culture are the limits of his employability, his world, and his moral citizenship. (...) He is now often liable to bump against this limit, like a fly coming up against the window-pane, and he soon learns to be acutely conscious of it. So culture, which had once resembled the air men breathed, and of which they were seldom properly aware, suddenly becomes perceptible and significant. The wrong and alien culture becomes menacing. Culture, like prose, becomes visible, and a source of pride and pleasure to boot. The age of nationalism is born.”

Esta comparação com a mosca que constantemente embate contra um vidro sem entender o porquê é pertinente e especialmente feliz. A pessoa é levada a aceitar cegamente a sua própria condição de representante duma determinada nação. Isto traz orgulho, vaidade e uma vontade acérrima de defesa do que consideramos todos ser nosso, ser um bem comum que deve ser estimado, preservado e elevado acima de qualquer outra nação que não a nossa. No outro lado da moeda, tudo o que é externo é visto como uma ameaça a um modo de vida comum e portanto é, natural e inconscientemente, desprezado e relegado para segundo plano. Entender

que cada um de nós é a mosca e que o vidro não passa dum obstáculo que pode ser contornado, é o primeiro passo para a aceitação de culturas diferentes e um mundo cada vez mais global.

Gellner entende que o nacionalismo é um acontecimento específico da sociedade moderna, através da ligação entre política e cultura. Segundo o autor, este acaba por ser imposto através do consentimento, mas também da inércia e da coação que acaba por ser resultado do sentimento colectivo imposto (1987, p. 8 – 9).²

O autor trata este fenómeno como sendo um “trauma”, que resulta da destruição de elos de ligação e de memórias e com o forjar de eventos novos, comuns a uma nação, duma nova ordem social que seja bem aceite por todos os intervenientes. Este estabelecimento duma nova ordem social é justificado pela criação de “novas memórias”, provavelmente ficcionadas segundo Gellner e “inventadas” aquando da destruição das mais antigas. A homogeneidade política e cultural torna-se assim vital, na opinião do autor, para o florescimento total do fenómeno do nacionalismo (1987, p. 9)³

O renomado autor Anthony D. Smith, com sua obra *Nationalism*, pretende introduzir-nos ao conceito de Nacionalismo. Smith vê o aparecimento desta ideologia como uma nova forma de “comunidade humana e identidade colectiva” (2010, p. 51), que funciona como um novo modo de fazer política dentro dos estados. O autor debruça-se sobre os múltiplos paradigmas do fenómeno, a nível socioeconómico, político, sociocultural, ideológico e construcionista. Todos estes paradigmas juntos, em correlação, revelam que

² “Many utterly un-national groups or collectivities have persisted by consent. Amongst the wide variety of kinds of community or collectivity which has existed throughout history, consent, coercion, and inertia have co-existed in varying proportions. Modern national states have no monopoly of consent, and they are no strangers to inertia and coercion either.”

³ “What distinguishes the areas within which nationalism has become the crucial political principle is that some deep and permanent, profound change has taken place in the way in which society is organised – a change which makes anonymous, internally fluid and fairly undifferentiated, large-scale and culturally homogeneous communities appear as the only legitimate repositories of political authority. The powerful and novel principle of «one state, one culture» has profound roots.”

o nacionalismo é o produto da modernidade e não pode nunca ser dissociado de tal (2010, p. 53).⁴

Procurando perceber o porquê de tanta gente se identificar com este fenómeno nacionalista e partilhar estas ligações entre si, este procura uma explicação mais racional e empírica, citando Steven Grosby (*cit. in* Smith 2010, p. 58).⁵

No entanto, Smith entende que esta explicação por si só não basta para compreender o porquê de alguém sentir ligação com uma colectividade histórica ao invés de outra (dando o exemplo da Alemanha e da Prússia), assim como entende ser insuficiente para explicar o porquê destes sentimentos de pertença variarem em intensidade e extensão de indivíduo para indivíduo.

A explicação para as afinidades nacionalistas pode estar nos mitos e histórias que vão passando de geração para geração (2010, p. 117).⁶

Segundo Smith, esta comunidade étnica partilha uma cultura assente em memórias e histórias comuns à colectividade, o que leva a uma união eficaz em torno de um sentimento comum de pertença a um grupo. Esta união, aliada a um conjunto de instituições políticas, sociais e económicas comuns, leva a uma forte noção de “nós” e de “outros”, do que é familiar e do que vem de fora e é por conseguinte considerado estranho à colectividade e ao seu modo de vida assimilado e interiorizado ao longo dos anos e com o passar das várias gerações. É esta vertente cultural que o autor defende ser determinante para a noção de nacionalismo. Para ele, o nacionalismo deve

⁴ “(...) Modernity necessarily took the form of nations and just as inevitably produced nationalist ideologies and movements”.

⁵ “(...) as pessoas baseiam os seus sentimentos de pertença em certas crenças acerca da melhoria de vida assente na natureza destas colectividades e nas propriedades da durabilidade das relações de parentesco, e especialmente, do território”

⁶ “These kinship myths of ethnic origins and descent are often linked to migration memories and to rituals, symbols and myths of a common cult, which link the human to the cosmic world, and place the union of families under divine protection. (...) The more closely the genealogical myths and migration memories are interwoven with the cult and its rituals, the stronger become the ties and sentiments of the members, turning them first into a dense ethnic network of shared activities and relations, and then into a fully fledged «ethnic community» (...).”

ser visto como uma forma “politizada” de cultura e não apenas como uma mera ideologia política, sem relacionamento cultural de qualquer forma. Este cariz cultural atesta pela autenticidade do fenómeno popular que é o nacionalismo, cuja marca central é a transformação das incontáveis etnias culturais em culturas públicas e populares. Portanto, a resistência ao longo dos tempos e a “proliferação” do nacionalismo no início do século XXI também assenta em grande escala nestes números de etnias culturais. Mas não só, porque o autor não pretende ignorar os fundamentos das Nações e das suas identidades próprias (2010, p.153).⁷

Smith crê que este factor cultural, em conjunto com uma crescente apatia e cinismo em relação ao poder político e os seus ideais, pode ser o princípio de uma maior indiferença perante o nacionalismo e uma menor lealdade às várias nações em que a população se encontra inserida, em favor de um mundo mais globalizado. Mas, por enquanto, esta globalização vai encontrando barreiras invisíveis a olho nu, como o desporto, baluarte do nacionalismo nas várias sociedades. O desporto serve como factor unificador da população em torno de uma nação. A selecção nacional é o valor máximo desse mesmo nacionalismo e o jornalista acaba no olho do furacão envolvido como se de um simples e comum adepto se tratasse. O desporto funciona como um escape para todas as restrições, porque em jogo está um valor considerado sagrado, o da Pátria. A selecção nacional é o representante maior da nação portuguesa e do outro lado estão os que a vão tentar derrotar (Mattoso, 1998, p. 14).⁸

⁷ “The identities that we seek to build are essentially pragmatic; they rest on economic foundations and seek political expression only to encompass and further material interests. Our culture, too, at least at the popular level, is heavily influenced by commercial considerations and lacks any sacred, transcendental dimension, any belief outside the immediate present and its ephemeral expressions.”

⁸ “Do ponto de vista dos sujeitos em causa, a consciência de pertença a um determinado país exprime-se por meio de uma ideia que se poderia traduzir na frase «nós somos; os outros são estrangeiros».”

Capítulo II

A Selecção Nacional

2.1. Entrada do Nacionalismo no Desporto Português

A selecção nacional funciona como uma espécie de porta de entrada do nacionalismo no desporto português. Seja em que desporto for, se Portugal estiver a ser representado por uma selecção, seja em equipa ou através dum só atleta (neste caso em desportos de índole individual), é ideia generalizada que todos os portugueses devem torcer fervorosamente pela sua vitória. Apesar dessa ideia poder ser discutida, pois cada pessoa é livre de escolher os seus favoritos ao triunfo sejam da sua nacionalidade ou não, é um facto que é aceite com naturalidade, ou seja, é uma ideia pacífica e praticamente incontestada. O mesmo se pode dizer quando um jornalista decide tomar um partido, porque a equipa em questão partilha a sua nacionalidade. Apesar de tal entrar em conflito com a sua própria ética jornalística, raramente gera a discussão sobre o que está correcto e o que está errado e se este facto deve ser aceite com naturalidade ou não. Também esta visão é aceite em Portugal, nomeadamente dentro do próprio jornalismo nacional. A Selecção Nacional está acima de todos os interesses individuais e até dos deveres deontológicos e éticos do próprio jornalista. Os interesses desportivos do país acabam por se sobrepor e é tarefa do jornalista fazer ver à população este facto, que é visto como incontestável e acima de tudo, patriótico.

Analisando os jornais desportivos de referência em Portugal, é fácil constatar que este registo foi sendo introduzido gradualmente e é algo que hoje em dia está institucionalizado e enraizado no desporto português. E a problemática começa logo na selecção nacional. Nem de propósito, esta, que cedo foi baptizada como “a equipa de todos nós” por um jornalista desportivo de referência, Ricardo Ornelas (mentor da fundação da equipa nacional) (*cit. in* Coelho, 2004, p. 30). Quando esta entra em campo, todas as barreiras se

levantam e tudo deve ser aceite em nome da causa, do prestígio e do orgulho nacional. As capas de jornais passam a autênticos “gritos de guerra” como forma de fomentar o espírito nacionalista guerreiro e incentivar a união entre todos os representantes da nação, do jogador mais importante da equipa até ao simples adepto comum. Afinal, estamos a falar duma equipa composta apenas por representantes portugueses, que partilham a nacionalidade com um País inteiro. Daí que não seja de estranhar a forma como este fenómeno está relativamente vulgarizado, não só em Portugal, mas também no resto do Mundo (2004, p. 32).⁹

A Selecção Nacional é o Santo Graal do orgulho nacional. Está no centro de todo este movimento nacionalista, mais ou menos camuflado. Seja o discurso jornalístico muito ou pouco claro no protecționismo das cores portuguesas, a verdade é que este aparece com naturalidade e não choca o olhar mais desatento e já habituado a esta prática desde o primeiro momento em que decide começar a ler um jornal desportivo, ver um encontro desportivo na televisão ou ouvir um relato de uma partida na rádio. Somos desde muito jovens “bombardeados” com discursos pró-nacionalistas no desporto, verificando-se curiosamente um fenómeno de rejeição a tudo o que não entra nesta linha editorial. Tudo o que não for feito dessa forma soará a estranho e será criticado e rejeitado com relativa veemência. Um jornalista não repetir a expressão da “equipa de todos nós” não soa bem. Se não estiver a tentar forçar a união entre todos ou a fazer aquele típico papel moralista, que incentiva sempre ao apoio da selecção como dever de todos, parecerá desfasado. E se, numa transmissão dum encontro de futebol, se limitar a narrar os factos objectivos dum jogo entre Portugal e a Croácia, por exemplo, como se fossem duas equipas que nada lhe dizem, será, muito provavelmente, duramente criticado. Não só pela restante classe jornalística, mas principalmente pelo público em geral.

⁹ “Tal como acontece em relação aos jogadores que vestiam a camisola da selecção, considera-se que existe também a obrigação de manifestação de patriotismo por parte de quem assiste aos encontros – incluindo, naturalmente, os jornalistas –, todos juntos na mesma missão de grande responsabilidade: ser bom cidadão da nação.”

Buscar a imparcialidade pedida no código de ética jornalística é algo visto de lado quando implica não enaltecer os feitos da selecção nacional. Qual a justificação para isto? Porque não pode o jornalista desportivo simplesmente procurar os factos e largar os adjectivos, como é incentivado noutras áreas a fazer? No caso de Portugal, há uma explicação histórica para este fenómeno cultural, amplamente difundido no jornalismo desportivo numa forma muito peculiar, como esta dada por Rui Gomes et al. (2002, p. 2).

“O processo de construção do carácter nacional tem raízes histórico-culturais muito profundas, remontando ao tempo das conquistas e dos descobrimentos. Épocas áureas em que os portugueses tiveram um papel dominante nas relações internacionais, alguns mantêm-se ainda hoje como mitos. Por constituírem motivos de orgulho foram e vão sendo perpetuadas, frequentemente como recalcamento, sobretudo pelas elites culturais, adquirindo uma dimensão simbólica muito elevada.”

João Nuno Coelho foca um aspecto muito importante, de que este acontecimento vem com a história. O que já acontecia nos séculos passados, noutros quadrantes da sociedade nacional, acaba por se incorporar com espontaneidade no mundo desportivo. Estas raízes históricas muito profundas são descritas também nos escritos de José Mattoso (1998, p. 103), que aprofunda a temática da “Identidade Nacional”.¹⁰

Mattoso aborda na sua obra “Rituais colectivos” a existência de mitos que, embora não tivessem a ver com as práticas desportivas conhecidas actualmente, serviam da mesma forma para o fomento da união nacional em torno de um objectivo comum (1998, p. 104).¹¹

João Nuno Coelho considera que existem “dois discursos dominantes nos jornais desportivos acerca da identidade nacional: o do país como interesse supremo e o da unidade nacional”. Segundo o autor, é o jornalista o produtor

¹⁰ “(...) A memória colectiva apoia-se frequentemente em mitos, alguns deles criados justamente para servirem de suporte da crença na perpetuidade, ou mesmo na sacralidade da pátria.”

e quem mais incentiva este género de “meta-discurso de unidade”, numa tentativa de “desenvolver a ligação entre o adepto e a equipa nacional”. (2004, p. 30)

O jornalista não tem qualquer problema em declarar que sabe o que é melhor para o futebol português e que isso é tomar o partido da selecção nacional, em qualquer caso e acima de qualquer interesse clubístico que possa existir. As palavras são verdadeiras armas na luta pelo sentimento comum de patriotismo (Gomes et al., 2002, p. 7).¹²

Figura 1



Fonte: RECORD, 07. Jun. 2008.

Curiosamente, esta ideia de unidade em torno dum objectivo comum é amplamente difundida como sendo uma visão totalmente imparcial do fenómeno desportivo, livre de qualquer tipo de “clubite” e sempre na defesa dos soberanos interesses do futebol português. O jornalista toma a iniciativa,

¹¹ “Os rituais colectivos, sobretudo as comemorações de centenários (...) contribuíram para generalizar a função social da memória colectiva, mesmo que o fundamento histórico das comemorações não fosse inteiramente objectivo (...).”

¹² “Os vocábulos mais usados são aqueles que incrementam os sentimentos de pertença, de união, de identidade. Aqueles jogadores não são um grupo são Portugal. Assim se convoca a unidade nacional. Embora não conheçamos todos aqueles a quem nos devemos sentir ligados ou que o sentimento não seja comum a todos, o idioma público que contextualiza as notícias assenta numa representação consensual do mundo, constituindo representações fortíssimas para a formação de interpretações e emoções. Emoções que constituem a antecâmara da intervenção, por que se referem também ao imperativo de passar do papel de mero espectador para o de participante num espaço imaginário comum em que todos têm o dever moral de apoiar a equipa nacional.”

praticamente de forma inconsciente, de tomar partido por um “bem superior”, esquecendo que no processo está a ser ainda mais parcial em relação a todas as outras selecções mundiais que qualquer adepto comum em relação aos seus rivais. As rivalidades entre clubes de futebol nacionais são encaradas como algo de somenos, uma coisa menor e sem importância, e que deve portanto ser naturalmente esquecido na hora de defender as cores da pátria. Todos nos devemos juntar e apoiar sem reservas a selecção nacional, mesmo que esta não possua um único atleta que represente o clube que decidimos livremente apoiar.

João Nuno Coelho reafirma este facto, dando como exemplo a forma como os jornalistas ignoram a rivalidade dos três maiores clubes nacionais, em detrimento dos interesses da “turma das quinas” (2004, p. 31).¹³

2.2. “Guerra” a um Mundo cada vez mais global

Ora, em Portugal, e num mundo cada vez mais global, vários exemplos provam que o futebol não funciona como um chip, em que se pode desligar o fervor clubístico dum momento para o outro e voltar a ligar. Com cada vez mais jogadores internacionais estrangeiros nos clubes nacionais, pode dar-se o caso de Benfica, FC Porto ou Sporting, pontualmente, ou por vezes até de forma consistente, alinharem sem qualquer atleta de nacionalidade portuguesa no onze inicial e apresentarem vários futebolistas duma outra nacionalidade.

Um exemplo teórico desta problemática é-nos fornecido pelo Benfica, versão época 2013/2014. O clube contratou quatro internacionais sérvios na pré-temporada, que se juntaram ao seu conterrâneo Nemanja Matic, que já fazia parte dos quadros dos “encarnados”. Isto criará ligações emocionais normais de afeição entre os atletas sérvios e os adeptos do Benfica. Num plano

¹³ "Num universo futebolístico cujas características levam à forte predominância de três clubes – Benfica, Sporting e Porto – é muitas vezes repetida pelos jornalistas desportivos a necessidade de colocar e situar a selecção nacional

teórico, imaginando que Portugal e Sérvia se defrontam, podemos ter o caso de a Sérvia apresentar cinco titulares do Benfica e Portugal não apresentar um único jogador, inclusivamente no banco de suplentes. Portugal poderá apresentar ainda atletas do FC Porto ou Sporting, os quais são pouco queridos da massa adepta do rival. Colocam-se então várias questões pertinentes: conseguirão os adeptos do Benfica, formatados para torcer por aqueles jogadores sérvios numa média de 40 a 50 jogos por temporada, abstrair-se desse facto e torcer a favor de jogadores dos clubes rivais por um único jogo? Conseguirão desejar a vitória de jogadores de outros clubes que não o seu, apenas por uma questão de orgulho nacional? É obrigação moral de alguém fazê-lo? E, mais importante, terá o jornalista o direito de “obrigar” alguém a seguir as suas próprias preferências pessoais, sejam elas quais forem?

Os jornalistas pensam que sim, na opinião de João Nuno Coelho. Este entende que os mesmos se acham no direito de pedir isso à população portuguesa e recriminar quem não agir da mesma forma que eles. Todos: adeptos, jornalistas, técnicos e futebolistas, estão juntos na mesma “obrigação de manifestação de patriotismo, (...) numa missão de grande responsabilidade: ser bom cidadão da nação”. Quando tal demonstração de patriotismo não se verifica por parte dos adeptos, o jornalista reserva-se o direito de criticar duramente quem o faz, por estar a falhar num “dever cívico de todos” e por o próprio entender que “não devem existir interesses conflitantes com a representação nacional” (2004, p. 32).

Ao tomar partido, o profissional de comunicação não só está a ignorar o dever de imparcialidade, como opta por tratar os adversários com a distância e frieza própria dos inimigos. Os jornais não têm qualquer problema moral em fazer uso de expressões de guerra contra os rivais da selecção nacional e procuram constantemente um ponto de inimizade comum com o país rival, seja na política, nas características de determinados povos em oposição com

como o mais “alto interesse” e prioridade no futebol em Portugal, em detrimento do que são considerados interesses menores e subalternos (mas aos quais os adeptos portugueses parecem atribuir maior importância)."

o nosso, ou até nas diferenças gastronómicas. É vulgar antes e depois dum encontro entre as selecções de Portugal e Holanda lerem-se expressões como “espremer a laranja”, o mesmo se passando no caso da Inglaterra, com capas de jornais a mostrarem imagens de bifes a serem cortados, numa alusão à forma jocosa como os britânicos são chamados em terras portuguesas.

Figura 2



Fonte: ABOLA, 09 Jun. 2012.

Novamente, o orgulho nacionalista salta à vista de todos, através dum discurso inflamado e de índole marcadamente política, por vezes algo belicista (Borges, 2009, p. 140 – 141):

“Ainda sobre a construção de um sentimento nacional a partir do texto jornalístico, uma outra técnica importante é a associação do esporte com o militarismo ou os brios de conquista nacionais. Discursivamente o autor abusa das metáforas bélicas, onde a equipe se transforma na “máquina de guerra”, o meio campo é o sector de operações, em que Deco é “o comandante”, Moutinho o “operacional eficaz” e Petit é “um soldado incansável”.

Em complemento, quando se trata da selecção portuguesa, é vulgar a referência a “nós”, a “nossa equipa”, o “nosso futebolista”, numa tentativa de sintonia entre adepto e jornalista. De certa forma, o jornalista sente uma maior liberdade quando está em causa Portugal. Há uma ligeireza no

discurso, as preferências já não são ocultadas, nem o profissional da comunicação sente sequer essa necessidade. “Vamos vencer por Portugal”, “esperemos que Portugal ganhe” ou “os portugueses já mereciam esta alegria” são frases comuns repetidas por jornais, rádios ou televisões na hora de confronto entre os portugueses e uma equipa estrangeira.

Rui Gomes e Marisa Freitas destacaram este tipo de discurso, na análise que fizeram ao discurso jornalístico nacional durante o Campeonato da Europa de Futebol do ano de 2000, realizado na Holanda e na Bélgica, no qual Portugal atingiu pela primeira vez na história uma posição de relevo na competição, tendo sido eliminado na meia-final, pelo vencedor da prova e campeão do Mundo à época, a França (Gomes et al., 2002, p. 7).¹⁴

Curiosamente, quando se defrontam duas equipas nacionais, tal discurso é duramente criticado. O jornalista é incentivado a ocultar as suas preferências e procura sempre levar o seu dever de imparcialidade até ao extremo. É raro o jornalista português que admite com segurança a sua preferência clubista, com medo de ter repercussões no seu trabalho ou de não ser encarado pelos outros da mesma forma, como alguém imparcial e eticamente correcto, não obstante o clube do qual é simpatizante. De certa forma, os jornalistas comportam-se exactamente da mesma maneira que os árbitros, dando por norma duas explicações alternativas. Podem simplesmente optar por dizer que não têm clube e apreciam apenas o futebol como fenómeno desportivo ou, em alternativa, escolhem o clube da terra, mais pequeno e menos polémico, como alvo da sua afeição.

Numa terceira via, é também vulgar o jornalista afirmar que a selecção nacional é o seu clube, em mais uma manifestação de como a equipa-

¹⁴ “Todo o discurso produzido se destina a fomentar o sentimento de unidade e de igualdade, despertando por conseguinte o sentido da diferença com os «outros». Quando o jornal fala de uma outra nação fá-lo numa linguagem mais distanciada, sem pronomes pessoais, porque não pretende criar o sentimento de pertença ou de partilha para com o país, nação ou povo referido. A referência aparece marcada pelo pronome «eles» ou pela identificação da respectiva selecção sempre sinalizada pela sua nacionalidade. (...) A ambição de criar identidades entre o «nós» e diferenças com os «outros» culmina muitas vezes na elaboração de uma espécie de personalidade colectiva do ser português, bem patente quando os jornais desportivos se referem à existência de um futebol «tipicamente português».”

Portugal é vista como imune ao dever de imparcialidade. No fundo, é uma escolha pacífica, porque se pode apoiar sem qualquer constrangimento visível. Neste caso, com a selecção nacional passa-se o exacto oposto em relação aos grandes clubes. Todos os portugueses têm o “dever” de apoiar a equipa das quinas e isto inclui os jornalistas. Quem não o fizer, está contra o futebol nacional e não pretende o seu desenvolvimento.

Este pensamento redutor traz grandes constrangimentos ao próprio jornalismo nacional e leva a situações onde o interesse da selecção nacional é colocado acima da própria verdade dos factos. Apurar informação negativa sobre a selecção é visto como algo errado e desencorajado em certas situações. Isto aconteceu no Mundial de Futebol de 2002, realizado na Coreia do Sul e Japão, em que a comitiva portuguesa foi marcada por escândalos, constantemente abafados para não perturbar os resultados desportivos de das cores portuguesas, algo que acabou por não evitar o fracasso de Portugal, precocemente eliminado na fase de grupos da competição, sem qualquer honra ou glória (Coelho, 2004, p. 36).¹⁵

Esconder a verdade dos factos foi visto como algo positivo e contou mesmo com um agradecimento especial da Federação Portuguesa de Futebol (FPF) no final do certame, através da pessoa do presidente da Federação, o Dr. Gilberto Madaíl. Num longo comunicado, foram elogiados os órgãos de comunicação social presentes junto da comitiva nacional por não publicarem qualquer notícia sobre questões disciplinares melindrosas para jogadores e responsáveis da selecção nacional de futebol. O argumento utilizado foi de que “isso traria um ambiente de instabilidade à Selecção Nacional” (2004, p. 36).

Isto sucede porque a selecção nacional e os seus jogadores são vistos como espelho de Portugal. Tudo o que eles fazem é percepcionado como bom ou

¹⁵ “A selecção nacional viveu graves problemas disciplinares, envolvendo técnicos, dirigentes e jogadores, sem que os media divulgassem muitos dos acontecimentos registados, em nome da importância da representação nacional e do prestígio do país além-fronteiras.”

mau para o próprio País. João Nuno Coelho utiliza mesmo o termo “embaixadores de Portugal”, para descrever a forma como os media olham para a selecção e os seus craques (2004, p. 29 – 30).¹⁶

Em Portugal, como praticamente no resto da Europa, o sentimento de pertença a um País através da “imposição do nascimento” surge com muito mais força que um sentimento de pertença a uma comunidade europeia ou até Mundial. Sentirmo-nos mais ligados ao que nos está mais próximo é uma característica humana e os jornalistas não fogem à regra, dando mais ênfase às qualidades nacionais e defeitos estrangeiros do que o oposto.

Isto leva a uma «espécie de solidariedade entre o povo e a sua representação nacional, o que impulsiona de certa forma uma imaginação do "nós", enquanto "carácter nacional”» (Santos, 2000, p. 6). Bauman defende que “a identidade é algo que deve ser encarado como uma tarefa. Ela é uma ideia, uma ficção, que precisa ser assimilada por meio da coerção e do convencimento para poder se solidificar e entrar na vida das pessoas” (*cit. in* Borges, 2009, p. 7). O processo de surgimento deste ideal de um país nosso, de identificação com um determinado conjunto de crenças e valores nacionais, é tudo menos um processo natural, mas sim uma ideia que demorou muito tempo e deu muito trabalho a construir (2009, p. 7).¹⁷

Esta “naturalidade” que Bauman aborda, também foi enraizada ao longo do tempo por parte dos media na área do desporto. Os meios de comunicação social desportivos acabam por voluntária ou involuntariamente arrastar o futebol para o cenário político, social e cultura, com todas as características

¹⁶ “Nos discursos dominantes na imprensa desportiva, as equipas e atletas portugueses surgem como verdadeiros embaixadores de Portugal, cuja acção pode e deve colocar o país em posições de destaque na cena internacional, na competição com outras nações. Este é um tipo de discurso nacionalista habitual na imprensa desportiva (como na generalista, aliás), segundo o qual a representação nacional é tida como o mais alto valor e interesse na prática desportiva competitiva.”

¹⁷ “A severidade das exigências era um reflexo da endémica e incurável precariedade do trabalho de construir e manter a nação. Permitam-me repetir: a “naturalidade” do processo de que “pertencer por nascimento” significava, automática e inequivocamente, pertencer a uma nação foi uma convenção arduamente construída – a aparência de “naturalidade” era tudo, menos “natural””

associadas a estes campos. Os feitos da selecção nacional são assim os feitos do povo, do País, do cidadão (2009, p. 25 – 26).¹⁸

Uma estratégia muito simples para antagonizar a selecção rival e levar o adepto a incentivar a selecção nacional é o condicionamento dos factos. Quando um jogo de futebol, por exemplo um Portugal – Espanha, é narrado na televisão, tanto narrador como comentador estarão sempre a analisar o jogo do lado dos interesses de Portugal. O que Portugal tem de fazer para marcar golo, o que tem de fazer para evitar sofrer golos, quais as mudanças que o técnico nacional tem de fazer para produzir resultados e quais os jogadores espanhóis mais perigosos que devem ser contrariados por parte da selecção portuguesa. Borges, sobre esta matéria, tendo em consideração as ideias de Benedict Anderson, fala em “delimitação muito clara do que é o «nosso» assunto, e o que diz respeito aos «outros»” (2009, p. 7).

Num jornal verifica-se com facilidade o mesmo exercício, desde a capa até à crónica do jogo. Como foi dito atrás, as capas são normalmente um “grito de guerra” ao orgulho nacional e jocosas com algo presente na cultura do país adversário, até a gastronomia, mas este fenómeno nacionalista não se fica pela rama. As crónicas ao jogo ocupam muito mais espaço na análise à equipa nacional que a do rival, cujo interesse é relegado para segundo plano (2009, p. 139).¹⁹

Anderson, que fala em “comunidades imaginadas” nas suas reflexões sobre o nacionalismo, defende que as grandes competições desportivas têm um

¹⁸ “Como um jogo colectivo, o futebol, antes de representar uma pessoa, como num esporte individual, carrega as cores e os símbolos nacionais. Brasão, bandeira, uniforme, hino nacional, tudo isso faz parte da preparação para um jogo. (...) Além disso, bandeira, hino, brasão e uniforme trazem junto consigo uma carga histórica, um passado comum, que forjou esses símbolos nacionais, e em paralelo ao caminho histórico de uma nação está o de sua selecção de futebol, um esporte que se popularizou no início do século XX e que está inevitavelmente ligado a história de cada país. Feitos heróicos de uma equipe de futebol se tornam emblemas de uma nação, tal como a vitória da Alemanha Oriental na Copa do Mundo de 54 depois de o país ter sido arrasado pela guerra.”

¹⁹ “Enquanto os manuais de jornalismo recomendam que se dê ouvidos às duas partes envolvidas em um acontecimento, no caso do texto analisado podemos dizer que Portugal ganhou todo o destaque, enquanto a Turquia foi relegada. Sem entrar no mérito esportivo, mesmo que tenha sido muito inferior, os turcos estiveram em campo a mesma quantidade de tempo que os lusitanos, mas numa reportagem de 44 linhas, menos de 4 linhas completas, foram destinadas à actuação turca.”

importante papel nesta diferença gritante de tratamento entre as duas selecções e na formação destas mesmas “comunidades” (2009, p. 140).²⁰

O’Donnel, que desenhou um mapa para o jornalismo desportivo em função das características dos vários países, defende que os media vêem o fracasso da selecção nacional numa grande competição desportiva como um fracasso global do País. Se Portugal perdeu, então não foram apenas os jogadores que falharam, mas todos os portugueses, adeptos e jornalistas incluídos. Portugal falhou como nação, porque os “atletas incarnam o espírito de um País” (2009, p. 149).

Na hora da derrota, é fundamental que a equipa esteja à altura dos acontecimentos e saía de “cabeça erguida”. Os jornais desportivos passam a mensagem através do “texto escrito na capa”, que não deixa esquecer que a equipa de futebol carrega o peso de toda uma nação nos seus ombros. Não são apenas “os jogadores que estão em campo”, mas sim “todo um país” (2009, p. 143).

Se a selecção nacional, mesmo perdendo e sendo eliminada numa grande competição, tiver correspondido às expectativas iniciais dos seus adeptos, esta será tratada de forma positiva, através de expressões como “orgulho” e “missão cumprida”, como forma de reconhecimento pela boa prestação de toda a comitiva nacional.

Figura 3



Fonte: ABOLA, 28 Jun. 2012.

²⁰ “Para fazer isso, uma das coisas mais importantes a fazer é criar um passado comum e um futuro a ser alcançado. Nesse sentido, as competições desportivas são muito favoráveis a esse propósito, pois ao mesmo tempo

Por outro lado, o mesmo meio de comunicação social não se coibirá de criticar duramente a selecção em caso de fracasso. Se a derrota fugir do expectável, os mesmos jornalistas que falavam em “orgulho” nacional irão certamente exigir satisfações pelos pobres resultados e pelo fracasso daquela que é a grande representante dos portugueses.

Figura 4



Fonte: ABOLA, 04 Set. 2010.

Serão pedidas satisfações em nome do “povo”, que segundo a imprensa portuguesa nunca merece um resultado negativo, esquecendo totalmente o outro lado da barricada, que no campo também há onze adversários que lutam, suam e merecem tanto o triunfo como qualquer selecção nacional portuguesa.

2.3. Jogador Português, o melhor do Mundo

A fidelidade à selecção nacional é uma forma moderna de seguir o símbolo de união nacional, que em tempos foi o rei (Mattoso, 1998, p. 13).²¹

que compartilham os símbolos nacionais, compartilham também um passado”

²¹ “É pela obediência ao rei que os portugueses se distinguem de todos os outros homens do mundo. É por seguirem a bandeira do seu rei que na batalha se distinguem dos seus inimigos. Sob sua protecção estão seguros de todos os perigos.”

Nos dias que correm, é o melhor jogador português “o embaixador” do orgulho nacional e quando comparado com outro estrangeiro. É o “rei” cuja bandeira todos os portugueses devem seguir. Torna-se figura praticamente divina e é sempre enaltecido pela imprensa nacional, seja esta generalista ou desportiva.

No caso de Luís Figo, cabeça de cartaz da geração de ouro portuguesa, que foi bi-campeã mundial sub-20 em 1989 e 1991 e que atingiu quartos de final, meias-finais e uma final de campeonatos da Europa e do Mundo de seniores, eram feitas comparações diárias com o seu colega de equipa do Real Madrid, o francês Zinedine Zidane, que ajudou a França a sagrar-se campeã Mundial pela primeira vez e bi-campeã europeia, à custa de Portugal. Os meios de comunicação social portugueses fizeram campanha pelo português, enaltecendo os seus méritos bem como as “falhas” do futebolista internacional francês (Record, 2000):

“Se bem que este ano, Figo não tenha ganho nada quer pelo Barcelona quer pela selecção portuguesa, foi o homem em foco no defeso com a transferência mais cara de sempre, no valor de 12 milhões de contos, do Barcelona para o Real Madrid. Esse “título”, pelo menos, é dele.”

O jornal *Record* optou por dar a notícia da nomeação de Luís Figo, Zinedine Zidane e do brasileiro Rivaldo para o prémio de melhor futebolista do mundo pela Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA), mas sempre destacando os feitos do jogador da selecção nacional. A peça noticiosa foi escrita em função do jogador português (Record, 2000).²²

Relativamente a Rivaldo e Zidane, o jornal remeteu-os para uma pequena descrição individual de ambos, no final da notícia, tendo optado por destacar os aspectos marcadamente negativos da época, de forma disfarçada, por

²² “E não esqueçamos o magnífico percurso de Figo como “merengue”: dois golos, um na Liga espanhola e outro na Liga dos Campeões, mais 13 assistências para golo fazem dele um dos jogadores mais completos do Mundo.”

entre alguns elogios pelo meio, no caso do francês, algo a que o brasileiro, à época a representar o Barcelona, nem sequer teve direito (Record, 2000).²³

Não é de estranhar portanto que, no momento em que Zidane foi considerado o melhor jogador mundial do ano de 2000, tal facto tenha sido encarado pelos media portugueses como uma enorme injustiça para com o jogador português. Não obstante a França ter vencido o título de campeã europeia de selecções desse mesmo ano, tendo derrotado a equipa de Portugal, liderada por Figo, nas meias-finais, a comunicação social portuguesa nunca conseguiu aceitar a derrota do jogador português, honrosamente considerado como o segundo melhor futebolista do ano civil. A derrota de Figo não foi apenas a derrota do camisa sete do Real Madrid, foi nova derrota de Portugal perante a França. Figo personificava a selecção nacional e a sua pátria na sua figura e, portanto, não ser considerado o melhor jogador do Mundo foi algo visto como um falhanço de Portugal.

Um ano volvido (2001), quando o jogador português venceu o mesmo prémio e Zidane não se classificou entre os três primeiros lugares, em Portugal falou-se de justiça pelo ano anterior. Para a imprensa portuguesa, não se pode admitir que alguém pode ser melhor que o jogador português, sem isso ser uma espécie de “perseguição” aos portugueses. O português é o melhor do mundo na sua área e se não é considerado como tal é porque alguma injustiça deve estar à espreita. Aliás, durante o ano de 2000, Figo venceu a Bola de Ouro da France Football (até 2010 o prémio era independente daquele que era atribuído pela FIFA, dando-se por vezes o caso de os dois terem vencedores diferentes). Esta vitória foi uma “vingança” sobre Zidane (Record, 2000).

²³ “Rivaldo – O internacional brasileiro, companheiro de Figo no Barcelona durante três épocas, é o detentor do troféu. O ano 2000 foi marcado por altos e baixos, tal como o Barcelona, segundo classificado na Liga e semifinalista na Liga dos Campeões e na Taça de Espanha. Para além disso, Rivaldo “ganhou” a antipatia dos adeptos da selecção brasileira, que o assobiaram nos dois últimos jogos relativos à qualificação para o Mundial 2002.” “Zidane – O número 10 da França e da Juventus é o único dos três candidatos com um título e um prémio pessoal em 2000. Ambos foram conquistados durante o Europeu, com a vitória da selecção galesa (2-1 à Itália no prolongamento) e a designação de Zidane como melhor jogador da prova, à frente de Figo, por parte da UEFA. Depois, “Zizou” borrou a pintura com duas expulsões seguidas na Liga dos Campeões, “obrigando a UEFA a suspendê-lo por cinco jogos.”

Como já vimos atrás, este sentimento de pertença tem uma explicação histórica, e a emigração ajuda a reforçar este pendor nacionalista, de que o que é português tem naturalmente de ser considerado melhor que o estrangeiro (Gomes, et al., p. 8):

"Este elemento é reforçado pelo factor emigração: o facto de muitos dos melhores jogadores portugueses não exercerem a sua profissão em território português é tornada positiva no contexto das relações entre nações, por que os atletas são denominados embaixadores e representantes das mais valias desportivas existentes no país. Facto que atinge cumes de exacerbação quando se sugerem comparações com o passado de conquistas e emigração pelo mundo."

Um exemplo mais recente é a rivalidade entre Lionel Messi (futebolista argentino do Barcelona) e Cristiano Ronaldo (cabeça de cartaz da selecção portuguesa e actualmente no Real Madrid). O jogador português já havia sido considerado pela FIFA como o melhor futebolista do ano, em 2008 (voltou a vencer em 2013). No entanto, entre 2009 e 2012, Messi venceu quatro vezes consecutivas o prémio em detrimento da “estrela” dos madrilenos e da selecção nacional portuguesa. Estes dois “astros” são mesmo unanimemente considerados dois dos melhores executantes a alguma vez terem pisado um relvado de futebol e a sua categoria é evidente para todos que acompanham o desporto-rei (Lowe, 2013, p. 6):

“Ronaldo scores, then Messi scores; Messi scores, then Ronaldo scores. If Madrid versus Barcelona is the greatest sporting rivalry on earth, it has come to be personified in two of the finest footballers there has been, men who dominate the game and define their clubs – in personality and play, style and substance. You cannot mention one without the other.”

No entanto, a categoria dos dois futebolistas é mesmo posta em causa, pelo menos entre os adeptos dos dois grandes clubes espanhóis que estes representam (2013, p. 6).²⁴

²⁴ “Three months after the clásico Messi won the Ballon d’Or. Ronaldo was second. Natural, said the Barcelona fans; a scandal, said the Madrid ones.”

Este fenómeno também se passa quando entramos no campo da nacionalidade dos dois atletas. Em todas as vitórias do argentino os meios de comunicação social portugueses falam em injustiça, seja por um motivo ou por outro. O inverso também se verifica nas derrotas do jogador do Barcelona. Para a comunicação social portuguesa, era Cristiano Ronaldo quem devia vencer sempre. E no caso do avançado madeirense, isto já vem acontecendo desde o Mundial de 2006, altura em que Ronaldo perdeu um prémio para melhor jogador jovem da competição.

Palavras como “injustiça” ou “roubo” são comuns nas capas dos jornais desportivos de referência sempre que algum jogador português ou selecção nacional não tem o reconhecimento merecido. O caso deste prémio individual não foi excepção. Venceu o avançado alemão Lukas Podolski. Mas isso não podia ser, o jogador português era quem merecia, como podemos comprovar através do jornal *O Jogo*, que vai ao ponto de afirmar claramente que Cristiano Ronaldo foi roubado pela FIFA.

Figura 5



Fonte: OJOGO, 06 Jul. 2006.

Num inquérito feito sobre nacionalismo e patriotismo na sociedade portuguesa, Manuel Braga da Cruz chegou a algumas conclusões que

ajudam a explicar o porquê desta preferência, por vezes irracional, pelo que é nacional em detrimento do que vem do estrangeiro (Braga da Cruz, 1986, p. 16):

“A pergunta pelo sentido da identidade geopolítica, ou seja, a que unidade se sentem pertencer antes de mais e em primeiro lugar, mais de metade dos portugueses (53,7%) refere a região onde nasceu ou vive, em detrimento tanto da terra ou cidade (21,8%), como do País em geral (18%), da Europa (1,7%) ou do Mundo (3,9%).”

Quadro 1

Nacionalismo Geopolítico, sentimento de pertença dos cidadãos

	Portugal	Espanha	Itália	Europa
Terra ou cidade	21,8%	40%	44%	42%
Região	53,7%	17%	9%	15%
O país em geral	18,0%	34%	24%	27%
Europa	1,7%	2%	4%	4%
Mundo inteiro	3,9%	6%	16%	9%
Não sabe	0,3%	2%	5%	4%
Não responde ⁽⁵⁾	0,6%			

Fonte: BRAGA DA CRUZ, Nacionalismo e patriotismo na sociedade portuguesa actual – alguns resultados de um inquérito. Instituto de Ciências Sociais. (1988). p. 17.

Segundo Miguel Esteves Cardoso, o “acto primordial do patriotismo” parte “da subjectividade, do acaso do nascimento (...) para escolher livremente o que sem liberdade nenhuma não escolhemos – a nossa nacionalidade.” (*cit. in* Braga da Cruz, 1986, p. 14).

Em 2013, Cristiano Ronaldo voltou a vencer o prémio de melhor jogador do Mundo do ano civil. A Bola de Ouro foi entregue depois de muita controvérsia envolvendo o presidente da FIFA, Joseph Blatter que, numa tentativa falhada de humor, acabou por brincar com o estilo do futebolista português dentro dos relvados. Blatter referiu ainda preferir as qualidades de Messi como futebolista.

Os jornais portugueses logo tomaram o partido do seu representante e entraram em sua defesa (As, 2013):

“La polémica de Blatter tuvo ayer en Portugal un impacto como nunca antes había tenido cualquier otra declaración del presidente de la FIFA y fue ampliamente destacada en la prensa escrita, la radio y la televisión, así como en las redes sociales. La noticia cayó, en definitiva, como una bomba en el país. Los compatriotas de Cristiano consideran inaceptable el comportamiento de una personalidad de su nivel, al que calificaron de ridículo. No sentó nada bien que con sus palabras se burlase de su capitán. A fin de cuentas entienden que está favoreciendo a Messi en la votación para el Balón de Oro y no ha caído bien que sea parcial en un asunto tan serio.”

O jornal As deu destaque à capa do jornal *ABola* que em capa manda calar o presidente da FIFA (2013).²⁵

Figuras 6 e 7



Fonte: ABOLA, 30 Out. 2013.

Fonte: OJOGO, 14 Jan. 2014.

Ronaldo acabou por vencer mesmo o prémio, apesar de toda a polémica em volta de Joseph Blatter, com a imprensa portuguesa a reagir ao feito como uma vitória do País, através do seu jogador mais representativo, o capitão da

²⁵ “¿Por qué no te callas?!”, espeta el diario deportivo luso 'A Bola' en la primera plana al líder del fútbol mundial, apesar de que este se disculpó por las declaraciones sobre el futbolista de Madeira que los portugueses

selecção nacional que tinha conseguido mesmo contra o próprio presidente da Federação que rege o futebol a nível mundial, colocar o “mundo no bolso”.

consideraron en tono de mofa.En la misma portada aparece Blatter mientras amarra el balón de oro con vigor y en un segundo plano se ve al jugador del Real Madrid junto a sus declaraciones: "Esto explica muchas cosas".

Capítulo III

Clube português nas competições internacionais

3.1 Representante nacional no estrangeiro ou clube independente?

Da proliferação do nacionalismo da selecção nacional ou do futebolista nacional/representante do país para os clubes portugueses em competições internacionais dista apenas um pequeno passo. Actualmente, sempre que uma equipa nacional disputa uma prova internacional, o jornalista desportivo não hesita em dar o cunho nacionalista à notícia, como se estivesse em causa a própria selecção nacional.

Também neste caso se verifica a ideia de O'Donnel (1994) em que os atletas incarnam o espírito dum País. Este caso gera ainda mais questões à luz da ética jornalística e da realidade desportiva como a conhecemos em Portugal. É natural a confusão entre Portugal e clube português de representação própria? Os adeptos entendem isto como aceitável? Como se chegou a este ponto?

Para compreendermos melhor o porquê deste fenómeno de confusão, entre clube desportivo em representação do País ou apenas em representação própria e independente, é preciso primeiro compreendermos a realidade do desporto em Portugal.

No plano futebolístico, há três clubes de âmbito nacional, no que respeita à massa adepta: o Sport Lisboa e Benfica, o Sporting Clube de Portugal (sediados em Lisboa) e o Futebol Clube do Porto (sediado na cidade do Porto). Estes três clubes conseguiram, ao longo da história do futebol nacional, galgar as fronteiras das suas cidades de origem e atrair adeptos em todos os pontos do País e além fronteiras. Todos os outros clubes de representação nacional têm os seus focos de apoio na sua terra base e pouco conseguem evoluir a partir dali.

Para além de competirem por adeptos em todo o território nacional, Benfica, FC Porto e Sporting são também os clubes mais ganhadores em Portugal. Das 79 edições do Campeonato Nacional de Futebol, realizadas até ao final da época desportiva de 2012/2013, 77 edições foram vencidas pelos vulgarmente conhecidos como “Três Grandes de Portugal”, havendo apenas espaço para uma pontual interferência do Clube de Futebol Os Belenenses (1945/1946) e do Boavista Futebol Clube (2000/2001).

A nível internacional, tanto Benfica como Porto já se tornaram ambos bicampeões da Europa (1960/1961 e 1961/1962 no caso dos “encarnados” e 1986/1987 e 2003/2004 no caso dos “azuis e brancos”). O Benfica conta ainda no seu palmarés com uma Taça Latina, enquanto o Porto venceu duas Taças UEFA/Liga Europa, uma Supertaça Europeia e duas Taças Intercontinentais. O Sporting, por seu lado, logrou vencer a Taça dos Vencedores das Taças na temporada de 1963/1964.

Com o peso de tão grande história por trás, é apenas natural que ao longo dos anos se tenham gerado rivalidades fortes entre os três maiores clubes nacionais. Se não se coloca qualquer dúvida sobre por quem torce um adepto de qualquer um destes clubes nas provas nacionais, visto que estão sempre em disputa por troféus uns contra os outros, é legítimo colocar a questão se o mesmo se verifica nas competições internacionais.

É aqui que urge explicar o carácter que o futebol tem dentro da própria sociedade. Poucas coisas são tão importantes como o futebol, na vida dum verdadeiro aficionado deste desporto. É atribuída a Arrigo Sacchi, treinador da vice-campeã mundial de 1994, Itália, uma das definições mais conhecidas para o descrever: "O futebol é a coisa mais importante dentro das coisas menos importantes" (Lopes, 2014).

Foi, no entanto, Bill Shankly, lendário treinador do Liverpool Football Club (cinco vezes campeão da Europa ao longo da sua história) quem deu aquela que é provavelmente a mais conhecida explicação para este fenómeno desportivo que alastra fronteiras:

“Some people believe football is a matter of life and death, I am very disappointed with that attitude. I can assure you it is much, much more important than that.”²⁶

De facto o futebol é visto como algo mais importante que uma questão de vida ou de morte, e em Portugal não é excepção. O clube excede a importância de qualquer nacionalismo. É visto como algo grandioso, que ultrapassa a própria nacionalidade. É costume dizer-se em Portugal que se pode mudar de tudo, inclusivamente de nacionalidade, mas nunca se muda de clube. Daí que seja impossível para um adepto de futebol ver um clube rival como um representante português.

O rival é o inimigo e a sua vitória é vista como uma derrota do seu próprio clube, seja em competições internas ou externas. Sobre este assunto, Bill Shankly deixou a sua opinião fundamentada quando questionado sobre o maior rival do Liverpool FC, o Everton FC, também sediado na cidade que eternizou os Beatles²⁷

Um bom exemplo para esta mentalidade enraizada, não só nos responsáveis técnicos, mas também no seio dos adeptos, foi dado no programa “Pare, Escute e Vibre”²⁸, englobado no *Reportv* (documentário exibido semanalmente pelo canal desportivo português *Sporttv*). Neste episódio, o *Reportv* foi descobrir a história de um adepto sportinguista invisual, que apesar da sua limitação não perde pitada do que se passa com o seu clube do coração. Este vai semanalmente ao estádio para absorver as emoções transmitidas pelos intervenientes ao vivo. Com sentido de humor apurado,

²⁶ Disponível em: <http://www.liverpoolfc.com/news/latest-news/bill-shankly-in-quotes>

²⁷ Idem. 'If Everton were playing at the bottom of the garden, I'd pull the curtains.'

²⁸ Reportagem exibida pela Sport TV a 12 de Setembro de 2013. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=XhkYZzaQoMk

este adepto afirmou que é “cego (...) mas antes cego que benfiquista ou portista.”

Não é natural para um sportinguista torcer pelo sucesso do FC Porto ou Benfica, mesmo que em competições internacionais, e o mesmo se passa para qualquer um adepto dos “três grandes” em relação a um dos outros dois clubes. O “interesse nacional” é manifestamente insuficiente para desligar as diferenças sentidas. A hostilidade sentida todas as semanas nas provas nacionais acaba por verter para as provas internacionais jogadas a meio da semana (Borges, 2009, p. 40).²⁹

A época não fica verdadeiramente completa para um adepto de futebol quando o seu clube se limita a vencer. O adversário também tem de perder. Às vezes ambas as situações estão interligadas. Noutros casos não estão. Sid Lowe deu um importante contributo para esta discussão, ao estudar aquela que é provavelmente a rivalidade mais acompanhada a nível mundial, o “el clasico” espanhol. O autor de “Fear and loathing in La Liga: Barcelona vs. Real Madrid” começa a sua obra afirmando que entre a vida e a morte, há o futebol, numa boa demonstração do fervor à volta desta rivalidade. Ser do Barcelona é ser contra o Real Madrid e vice-versa (Lowe, 2013, p. 13):

“With Barça and Madrid, it is so often about each other; they are defined by what they are and what they are not. Being a Barcelona fan necessarily means being an *anti-Madridista* and vice-versa – even if those identities, like any identity, are built at least partly on myths.”

O autor chegou à conclusão que não há vitória para um dos lados sem que o adversário saia derrotado, mesmo quando ambos não se estão a defrontar. Os aficionados das duas equipas chegam ao ponto de vibrarem mais com as

²⁹ “Antes de mais nada, é preciso delimitar como se constrói a identidade de um torcedor. Em linhas gerais ser adepto de uma equipe é um estilo de vida onde cada clube vai ter suas nuances culturais. Em segundo lugar, uma pessoa não pode mudar de equipe. Independente dos insucessos que uma equipe pode ter, é desonroso passar a torcer por um segundo clube”.

derrotas do grande rival/inimigo do que propriamente com as vitórias dos seus clubes (2013, p. 14).³⁰

O clima entre as duas colectividades atinge mesmo o sentimento de ódio. O jornal desportivo espanhol *As* elaborou uma sondagem na qual noventa e sete por cento dos adeptos do Real Madrid admitiram que tinham no Barcelona o clube que mais odiavam acima de todos os outros. Para Lowe, a única surpresa nestes números foram os três por cento que responderam de forma diferente à sondagem.

Em Portugal, as coisas funcionam da mesma maneira. O que uma equipa faz influencia o que o rival acaba por fazer. A 14 de maio de 2005, na penúltima jornada do Campeonato Nacional de Futebol de 2004/2005, o Benfica derrotou por 1-0 o grande rival lisboeta, o Sporting, afastando definitivamente os “verde e brancos” das possibilidades de conquistarem o troféu. Quatro dias depois, o Sporting perdeu a final da Taça UEFA, diante dos russos do CSKA de Moscovo, em jogo disputado no Estádio José de Alvalade, casa dos “leões”.

O treinador do Sporting à época, José Peseiro, confirmou em entrevista ao jornal *Abola* que tudo poderia ter sido diferente se o seu clube não tivesse sofrido aquele golo a 7 minutos do final da 33ª jornada do campeonato, que acabou por valer o título de campeão nacional ao grande rival Benfica (Abola, 2010):

“(...) continuo a considerar que o que mais influenciou o resultado da final da Taça UEFA, foi não termos conseguido suplantar emocionalmente a derrota com o Benfica, quatro dias antes. O Sporting começou a perder a final da Taça UEFA, quando perdeu, ingloriamente, o jogo com o Benfica. Ainda marcámos primeiro, mas não conseguimos reagir de forma serena e inteligente ao golo do empate.”

³⁰ “A poll in 1999 showed over half of Barcelona fans preferred Madrid losing to Barça winning. It is all about them, even when it is not about them.”

Antes da partida, o estatuto de favoritismo pendia totalmente para o lado dos “leões”, até porque a final seria em casa do Sporting. Mas, segundo o treinador da equipa, não houve tempo suficiente para lamber as feridas da derrota para o grande rival, o que acabou por trazer sequelas mentais nefastas para a final europeia, perdida pelo Sporting por 1-3, depois de estes terem saído para o intervalo em vantagem por 1-0 (Abola, 2010).³¹

Na época de 2012/2013, foi o Benfica a sofrer o mal que tinha infligido em 2005. Com o campeonato na mão e apenas dois minutos por jogar na penúltima jornada do campeonato, a equipa “encarnada” sofreu uma derrota dolorosa em casa do rival Porto, com um golo do brasileiro Kelvin bem dentro do tempo de compensação do encontro. Quatro dias depois, voltaria a perder no tempo de descontos do jogo, desta feita na final da Liga Europa disputada contra o campeão europeu em título, o Chelsea.

O pensamento generalizado dos adeptos do FC Porto passou para os próprios jogadores da equipa, até mesmo os estrangeiros, como o brasileiro Kelvin, que revelou a sua preferência para o desafio europeu do Benfica, dias antes do jogo, em entrevista a um jornal brasileiro: “Estou a torcer pelo Chelsea, sou sincero. Sou Chelsea até à morte.” (Maisfutebol, 2013).

Também o nigeriano Christian Atsu manifestou o seu contentamento pela derrota do rival Benfica, ao colocar uma foto nas redes sociais, na qual sorria em frente à televisão que mostrava a equipa inglesa do Chelsea a festejar o triunfo. O seu colega de equipa, o internacional brasileiro Danilo também confessou ter torcido pelos azuis de Londres e ter ficado “contente pelos títulos perdidos pelo Benfica”, afirmando que é algo natural em Portugal e apenas “uma coisa de rivais” (Maisfutebol, 2013).

³¹ “A derrota na Luz fez-nos muito mal, a final da Taça UEFA já chegou num momento de grande desgaste físico e anímico dos jogadores e da equipa.”

Os exemplos desta rivalidade intensa não se resumem aos responsáveis e jogadores do FC Porto. É um fenómeno que se verifica em todos os grandes clubes nacionais.

Recentemente, o ex-internacional brasileiro Amaral que representou o Benfica somente durante duas épocas desportivas (1996/1997 e 1997/1998), em entrevista ao portal “Sapo”, recusou-se referir-se ao Porto pelo seu nome, referindo-se ao clube portuense como “o clube inimigo”.³² Por seu lado, o ex-futebolista internacional português e director desportivo do Sporting para a temporada 2010/2011, Costinha, não teve qualquer pudor em referir o seu anti-benfiquismo, em entrevista ao jornal Expresso:

Figura 8



Fonte: EXPRESSO, 24 Jul. 2010

Quando são os próprios dirigentes, responsáveis técnicos e atletas dos clubes a sentirem esta rivalidade, escusado será dizer que os adeptos estão formatados para este tipo de sentimentos. É importante que o clube da nossa preferência vença, mas é igualmente importante que os adversários percam, mesmo quando ambos não estão a disputar os mesmos troféus. E são estas rivalidades que são ignoradas pelos media, na hora de fomentar uma união em torno dum clube nacional, apenas porque este é português. É forçado um

³² Reportagem exibida pelo Sapo a 20 de Janeiro de 2014. Disponível em: <http://videos.sapo.pt/9VRhTTn7bilZQs6mpBze>

apoio que manifestamente não corresponde à realidade e não é sequer pretendido pela generalidade dos adeptos de futebol.

O brasileiro Igor José Reno Machado (2000) debruça-se sobre este tema, num artigo sobre rivalidades no futebol e evidencia como as derrotas do rival se tornam tão importantes para os adeptos das várias equipas:

“Na verdade, o futebol transforma a vida social em um espetáculo de derrotas e vitórias, fazendo com que as torcidas se alternem em posições superiores ou inferiores. É uma região de intensos e irresolvidos conflitos. Trata-se de um lugar onde se trava, como no *potlatch*, uma eterna e, como sugeriu DaMatta (1994), agonística disputa por *status*.”

Reno Machado (2000) destaca o futebol como uma eterna luta pela superioridade em relação aos rivais. A vitória não é apenas a vitória da própria equipa, mas também é a derrota do rival, da mesma forma que uma derrota tem um duplo sabor de decepção.³³

A obra de Sid Lowe (2013, p. 16) vai parcialmente ao encontro das observações de Machado. Mas o autor vai mais longe e afirma que esta rivalidade, em alguns momentos doentia, ajuda também a explicar, ainda que parcialmente, o sucesso dos grandes clubes³⁴

Quando o jornalista tenta forçar simpatias entre os adeptos de clubes rivais em função de algo aparentemente mais nobre como o interesse nacional ou o desenvolvimento do futebol desse mesmo país, simplesmente não está a ser sensível à realidade do futebol. Adeptos de clubes rivais não parecem ter sido feitos para apoiarem os seus mais directos rivais, nem mesmo em provas

³³ “(...) o momento da vitória sendo compreendido como o instante de exibir a camisa, de gozar de quem torce para times adversários, de se deliciar com o «gosto da vitória» e com a posição de frágil superioridade conseguida nesse embate por um status abertamente simbólico. (...)“Tudo isso revela como, entre nós, o futebol é em si uma rivalidade, pois são os clãs que de fato entram em disputa ou combate.”

³⁴ “If the rivalry is partly explained by their success, their success is partly explained by the rivalry. Anything you can do, I can do better. The relationship is symbiotic: they are necessary enemies, feeding off each other, trying to outdo each other”

internacionais, sendo insuficiente a justificação simplista de partilha de um país de origem.

3.2. Rivalidades Portuguesas nos Rankings Mundiais

As mais apaixonantes rivalidades a nível mundial estão expostas em vários meios de comunicação social. O portal *FootballDerbies.com* é um dos maiores exemplos, por ser um website dedicado em exclusivo à listagem das mais importantes rivalidades mundiais. Esta biblioteca on-line de todos os derbies relevantes conta com calendários de todos os “derbies” e “clássicos” para os adeptos não perderem pitada dos acontecimentos. Mas o seu maior atractivo é um ranking que classifica todas as rivalidades numa escala que vai de zero a dez valores. Portugal não se encontra esquecido e as diferenças entre Benfica, FC Porto e Sporting são reconhecidas e enaltecidas a uma esfera global. Rivalidades mais locais, nomeadamente o derby portuense entre FC Porto e Boavista e o derby minhoto entre Sporting de Braga e Vitória de Guimarães também não estão esquecidos nesta lista:

Figura 9



Category	Rivalry	Score
City Derbies	Benfica - Sporting Lisbon	8
	Boavista - Porto	7.3
Local Derbies	Sporting Braga - Vitoria Guimaraes	7
Rivalries	Porto - Benfica	7.5
	Sporting Lisbon - Porto	7

Fonte: FOOTBALL DERBIES.

Outras publicações de referência também se debruçaram sobre esta questão determinante para o mundo do futebol, entre as quais o diário inglês *Daily*

Mail (2009), que decidiu elaborar uma lista das 50 rivalidades mais intensas e importantes do futebol mundial:

“Most cities have football clubs where derby day is the main event in the calendar for fans, publicans, pundits and police. But some of the greatest football rivalries make no sense geographically. Supporters of teams across the world look forward to travelling miles and miles just to earn the bragging rights for another season.”

Apenas um “clássico” foi englobado nesta lista detalhada, o Benfica – FC Porto, que ficou classificado no 24º lugar, três lugares à frente do local Manchester City – Manchester United, o escaldante “derby” que coloca frente a frente os dois rivais de Manchester, que são actualmente considerados como dois dos clubes de referência da primeira liga inglesa, a liga de futebol mais seguida mundialmente. O *Daily Mail* (2009) dá a sua explicação para esta classificação com motivos de ordem política e cultural.³⁵

Também o jornal digital on-line norte-americano, *Bleacher Report* (2009), elaborou um artigo sobre este tema a nível mundial. Mas foi mais longe, debruçando-se também sobre rivalidades existentes somente no continente europeu. O artigo intitula-se “The 10 Best Rivalries in European Football”:

“In football, there are many different major rivalries that exist that make us, the fans, stay at the edges of our seats, watching and waiting for something miraculous to happen. This is especially true in Europe, as there are many amazing top division rivalries that exist that interest all football and non-football fans, which can make everything come down to one major moment to decide which group of fans has bragging rights over the other team. In European football, these rivalries are common, but here are the 10 best top division European rivalries.”

³⁵ “While Benfica have rivals closer to home, namely Sporting Lisbon, it is their political and cultural differences with Porto that create Portugal’s biggest sporting rift. The more glamorous surroundings of the capital Lisbon is in stark contrast to the perception of Oporto, a historically industrial city with a strong independent spirit.”

Nesta lista de dez melhores rivalidades europeias, liderada pelo derby grego entre Panathinaikos e Olympiakos, o Benfica – FC Porto volta a aparecer em destaque, posicionando-se no décimo posto da tabela:

Quadro 2

Lista das dez maiores rivalidades europeias

- No. 1: Panathinaikos vs. Olympiakos
- No. 2: Fenerbahçe vs. Galatasaray
- No. 3: Lázio vs. Roma
- No. 4: Celtic vs. Rangers
- No. 5: ACMilan vs. Inter Milan
- No. 6: Real Madrid vs. FC Barcelona
- No. 7: Manchester United vs. Liverpool
- No. 8: Borussia Dortmund vs. Schalke 04
- No. 9: Tottenham vs. Arsenal
- No. 10: Benfica vs. FC Porto

Fonte: BLEACHER REPORT, 2009.

O *Bleacher Report* (2009) explica que esta rivalidade entre Benfica e FC Porto é tida por muitos como a “mais importante em Portugal” e justifica a sua posição na tabela devido aos vários “incidentes memoráveis” que esta proporcionou.³⁶

A *ESPN*, canal de televisão desportivo norte-americano e referência no meio audiovisual mundial, também não esqueceu esta matéria e elaborou aquele que é o grande documentário a nível mundial sobre esta temática, no que diz respeito ao futebol. Esta série de vários episódios, com vinte e cinco minutos de duração cada, intitulada *Football Rivalries*, apresentou ao mundo inúmeras grandes rivalidades, entre as quais se inclui o Benfica – Sporting. O “derby dos derbys” conforme é conhecido em Portugal, figura numa respeitosa

³⁶ “From players such as international teammates João Pinto (Benfica) and Paulinho Santos (Porto) openly declaring their hatred of each other to the massive events that happen between both groups of supporters, this rivalry is an

galeria de outros grandes confrontos internacionais, tais como o Manchester Utd – Liverpool; Ajax – Feyenoord; Boca Juniors – River Plate; Hajduk Split – Dinamo Zagreb; Celtic – Rangers; Panathinaikos – Olympiakos; Fenerbahce – Galatasaray; Roma – Lazio; Barcelona – Real Madrid e AC Milan – Inter. A rivalidade de ambos os clubes lisboetas com o FC Porto não é esquecida e o clube nortenho é mencionado várias vezes durante o programa, com destaque especial para o crescimento dos “azuis e brancos” a partir dos anos 80 e das implicações que isso gerou no futebol português, com um aumento na rivalidade entre os “três grandes”.³⁷

3.3. Os media e o ignorar destas rivalidades

O jornalista em Portugal não está ainda preparado para aceitar todas estas rivalidades, reconhecidas a nível mundial, na hora da equipa nacional disputar um encontro de cariz internacional. Os mesmos vícios usados com a selecção nacional acabam transpostos para as televisões, os jornais e as rádios. A parcialidade não só é assumida como é incentivada pelos próprios jornalistas, não sendo estranho ler numa crónica de um jogo que envolva uma equipa estrangeira, a ressalva da importância de um triunfo das cores nacionais para o prestígio do futebol português. O mesmo se passa num relato dum encontro na rádio ou numa transmissão televisiva do mesmo, nos quais são os próprios jornalistas e comentadores de serviço que passam toda a partida a analisar o desenrolar dos acontecimentos em função dos interesses da equipa nacional em desfavor da estrangeira (Coelho, 2004, p. 9).³⁸

No entender de João Nuno Coelho, esta postura é manifestamente incorrecta e não vai ao encontro do que deve ser feito, no que toca a manter a

important game for both the clubs. Both teams always look to get an advantage over the other team, at times by any means possible.”

³⁷ Reportagem exibida pela ESPN Classic a 11 de Outubro de 2010. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=NKIXcPJO-7Y>

³⁸ “Não seria necessária uma análise sistemática da imprensa para perceber que a posição dos jornalistas, quando está em causa uma representação nacional, é a tomada de partido declarada e óbvia a favor dessa representação.”

imparcialidade e o respeito por ambas as equipas que estão a disputar o jogo em questão (2004, p. 9).³⁹

Esta tendência ganhou contornos evidentes recentemente, com as boas campanhas europeias das várias equipas portuguesas no século XXI. FC Porto, Benfica, Sporting e o Sporting de Braga, todos atingiram pelo menos uma final europeia neste século, e o Boavista esteve a apenas doze minutos de disputar a final da Taça UEFA de 2002/2003 com o seu rival nortenho, tendo perdido esse direito para os escoceses do Celtic de Glasgow.

É possível perceber, através das capas dos jornais desportivos durante a campanha europeia da época de 2010/2011, que juntou três equipas portuguesas nas quatro vagas de acesso à final da Liga Europa (Benfica, FC Porto e SC Braga), que estes não tiveram qualquer problema em enaltecere o produto nacional e ostracizar a única equipa estrangeira presente na semi-final do certame, os espanhóis do Villarreal. O objectivo era que os clubes portugueses obtivessem os dois bilhetes para a final realizada em Dublin, a 18 de maio de 2011.

Figuras 10 e 11



Fonte: OJOGO, 28 Abr. 2011

Fonte: RECORD, 29 Abr. 2011

³⁹ “Esta parcialidade abertamente assumida, quantas vezes manifestada de forma espectacular e emocional, está

“Aí vamos nós!”, foi a capa do jornal *OJogo* no dia da segunda mão da semi-final da prova. Vários problemas encerra uma capa deste género, os quais são sistematicamente ignorados pelos jornalistas desportivos nacionais. Antes de mais, o jornal está a tomar partido por três clubes em detrimento dum outro, apenas devido à sua nacionalidade. Em segundo lugar, está a ignorar que para os adeptos benfiquistas, o SC Braga não passa dum adversário a derrotar no caminho do seu objectivo, que é atingir a final. O mesmo se passa para os adeptos bracarenses, que certamente não tirariam qualquer consolo de serem eliminados por uma equipa do mesmo País. Por último, e como visto anteriormente, todos os adeptos de todos os outros clubes nacionais não são tidos em consideração neste assunto. O jornal está simplesmente a supor que o prestígio nacional se sobrepõe às rivalidades, mas este facto não se verifica na maioria dos casos. Os adeptos sportinguistas, tendo opção, prefeririam seguramente eliminar os seus dois grandes rivais, Benfica e FC Porto, da mesma forma que os adeptos do Vitória de Guimarães optariam pela eliminação do seu rival do “derby” minhoto, o Sporting de Braga.

Já a capa do *Record* se refere ao dia seguinte da primeira mão da semi-final, dando conta de que a final europeia seria cem por cento portuguesa, a menos que uma hecatombe acontecesse ao FC Porto, que havia derrotado o seu adversário por contundentes 5-1 na partida realizada no Estádio do Dragão. “Adiós Villarreal, Dublin é Portugal” vai no sentido da capa do jornal *Ojogo*, mas o pormenor mais interessante é a forma inconsciente como o *Record* trata um problema mais complexo: “Entre Benfica e Braga...logo se vê”.

O jornalista não sabe como resolver este dilema. Não hesita em apoiar o FC Porto, porque este defronta uma equipa estrangeira, e como diz João Nuno Coelho, este fenómeno mais não é que uma representação cultural

exactamente nos antípodas da posição e postura dos mesmos jornalistas quando acompanham provas nacionais, envolvendo a competição entre atletas ou clubes portugueses.”

bem enraizada dentro dos jornais, mas não só, também dentro da própria sociedade portuguesa em geral (2004, p. 39).⁴⁰

Isto entronca na ideia de sentimento de pertença a uma colectividade comum, de identidade nacional, que o país vem acima de todos os outros interesses, como “interesse supremo” sobre qualquer clubismo ou rivalidade e é um tipo de discurso “fortemente produzido nos jornais desportivos” (2004, p. 30) de referência em Portugal, como é o caso do *Record*.

No que toca ao confronto entre SC Braga e Benfica, este foi encarado como se se tratasse de um qualquer encontro do campeonato nacional. O jornalista, fosse de um meio de comunicação social escrita ou audiovisual, voltou a fazer o papel de isenção e imparcialidade que devia ser regra, a comentar e narrar o jogo pelo jogo, sem demonstrar qualquer tipo de preferências em relação a qual o melhor vencedor para os interesses nacionais. Essa questão nem se colocou durante o confronto entre as duas equipas portuguesas na meia final. No fim de contas, como o *Record* afirmou, o jogo que se realize, apura-se o vencedor e “depois logo se vê”.

Depois de concluída a segunda mão da meia-final, o SC Braga eliminou o Benfica, pela regra dos golos fora (2-1 em Lisboa para o Benfica e 1-0 em Braga para os da casa) e o Porto confirmou a sua supremacia sobre o Villarreal, com um expressivo 7-4 em agregado, assegurando assim ambos os clubes nortenhos a primeira final europeia totalmente portuguesa a nível do futebol.

Antes, durante e depois da final voltaram as questões éticas, sempre muito melindrosas para os meios de comunicação social e a partida, não deixando de ser sempre encarada como histórica e um motivo de orgulho para Portugal, foi presenciada com o devido distanciamento, para não ferir qualquer susceptibilidade em relação aos adeptos de ambos os clubes intervenientes.

⁴⁰ "Quando os jornalistas «tomam partido» de forma clara pelas equipas portuguesas na competição internacional, ou quando estabelecem o país e a sua representação como valor máximo da prática desportiva competitiva, estão a

Deu-se novamente o caso de um acompanhamento à distância, como se se tratasse de um encontro de cariz meramente nacional, que nada dissesse aos jornalistas e aos meios de comunicação social. Algo que não foi totalmente conseguido. No dia seguinte à conquista da prova pelo FC Porto, numa vitória por 1-0 sobre o SC Braga, o jornal *Ojogo* manteve o teor nacionalista da conquista:

Figura 12



Fonte: OJOGO, 19 Mai. 2011.

O título do jornal foi pintado de azul (as cores do vencedor) e foi polémico, pois fala em “herói da nação”, referindo-se ao autor do golo vitorioso dos “dragões”, o colombiano Radamel Falcao. Um feito para o seu clube em questão, mas algo que dificilmente foi visto como heróico para os rivais do clube portista, muito menos para os adeptos do Sporting de Braga, que certamente veriam mais depressa o futebolista colombiano como o vilão que esteve entre o seu clube e o sonho de uma conquista internacional. Esta acaba por ser o caso paradigmático dos problemas que pode gerar o simplismo da confusão de conceitos entre selecção nacional e clube português em representação de si mesmo numa prova internacional.

pôr em prática aquilo que faz parte da cultura dominante no seu jornal, na sua profissão e também na sociedade abrangente.”

Por seu lado, o jornal *Record*, tão expressivo e apaixonado em relação à representação nacional na prova europeia dessa época, optou por uma capa muito mais comedida no rescaldo da decisão da prova. O que não deixou de ser também polémico, pois colocou em relevo um comportamento totalmente anti-natural do próprio jornal. Como é fácil de observar no seu arquivo, a capa do dia seguinte da conquista da Liga Europa 2010/2011 por parte do FC Porto, foi diametralmente oposta às próprias capas do jornal nos dias de conquista europeia por parte do mesmo clube, no início do século XXI. A capa relativa à conquista da Liga dos Campeões 2003/2004 por parte dos “azuis e brancos” é facilmente confundível com o estilo optado pelo *O Jogo* em 2011, o que choça de forma evidente com a opção tomada pelo *Record*.

Figuras 13 e 14



Fonte: RECORD, 19 Mai. 2011.



Fonte: RECORD, 27 Mai. 2004.

O *Record*, desta vez, optou por não colorir o seu símbolo das cores do Porto, o azul, entendeu não ser de bom-tom dar os parabéns ao clube na sua capa e não escolheu um título nacionalista e de apego à pátria e à nação portuguesa.

3.4. O exemplo dos jornais espanhóis – o assumir das rivalidades

Se em Portugal a tendência é para colocar o interesse nacional acima de tudo, mesmo a nível dos jornalistas e da comunicação social independente, em particular, o caso muda de figura no que toca à realidade espanhola. Como foi exemplificado atrás, quando colocadas duas equipas nacionais em confronto, seja a nível nacional ou internacional (como foi o caso da Liga Europa 2010/2011), a preferência pelos clubes tende a esbater-se. Em Espanha, o jornalista é incentivado a proclamar a sua preferência clubista, seja em que situação for. Os meios de comunicação social espanhola não só não ignoram as rivalidades existentes, sob um argumento nacionalista, como as assumem eles mesmos.

Sid Lowe, no seu estudo da rivalidade entre os dois maiores clubes espanhóis, o Barcelona e o Real Madrid, concluiu que os dois clubes são tão grandes que o poder torna-se “sedutor” para a imprensa espanhola, que se torna implacável para os clubes, trazendo-lhes a eles e à rivalidade em si, uma “pressão brutal” (2013, p. 9).

Os jornais funcionam como um meio de enaltecimento dos feitos dos clubes da região em que estão inseridos. Na Galiza assume-se um apoio aos clubes locais, no País Basco funciona de igual maneira e assim sucessivamente por todo o território espanhol. Mas é na Catalunha e em Madrid que o jornalismo mais se confunde com interesses clubísticos e políticos.

Tanto em Madrid como na Catalunha, há dois jornais desportivos de referência. O periódico *As* e a *Marca* ditam as leis desportivas na capital espanhola, enquanto o jornal *Sport* e o *Mundo Deportivo* são os pesos máximos na cidade de Barcelona. Estes não têm qualquer pudor em assumir que representam os interesses dos clubes de maior representação de ambas as cidades, neste caso o Real Madrid e o Barcelona (Lowe, 2013, p. 21).⁴¹

⁴¹ “The sports newspapers claim varying degrees of objectivity when none should claim any at all. El Mundo Deportivo and Sport are openly pro-Barcelona; Marca and AS are pro-Madrid.”

Figuras 15 e 16



Fonte: SPORT, 26 Out. 2013.

Fonte: AS, 22 Abr. 2012.

Não importa se as equipas se defrontam no plano nacional ou internacional, não importa se estão em jogo as cores espanholas. O *Sport* e o *Mundo Deportivo* funcionam como jornais oficiosos do maior clube da sua cidade e o mesmo se verifica no *As* e na *Marca* no caso do Real Madrid. Os jornais não se coíbem minimamente de fazerem títulos a incentivar os clubes ou de usar cânticos provocatórios para com os rivais, como se se tratasse de revistas oficiais dos clubes em questão. Acabam por se tornar, por opção editorial própria, verdadeiros panfletos de propaganda clubista, ignorando conscientemente a quebra ética que isto provoca na defesa das suas próprias profissões de jornalistas (2013, p. 21).⁴²

Os meios de comunicação social acabam por se aproveitar da fortíssima rivalidade entre os dois clubes mais fortes espanhóis. Uma rivalidade que extravasa o futebol e entra no campo social, cultural e principalmente política. Esta é uma rivalidade acima de tudo política, entre um clube que representa a unidade da nação Espanhola como uma só, e um clube que defende a independência da Catalunha (2013, p. 3).⁴³

⁴² "Sometimes as much propaganda outlets as papers, they tend to see themselves as an arm of their clubs, increasing the pressure at institutions where winning is no longer an objective but an obligation."

⁴³ "Football Club Barcelona versus Real Madrid, week seven in the spanish league (...) On the morning of the game, the headline in the Catalan newspaper La Vanguardia asks: «Only football?» They know the answer: Barcelona versus Real Madrid is never just football and today less than ever. This clash is billed as the most political match since the death of General Francisco Franco in 1975."

Lowe descreve que os adeptos do Barcelona vêem o clube de Madrid como o clube referência dos tempos da ditadura de Franco. Isto gera antagonismos, ódios e ultrapassa largamente a beleza dum simples jogo de futebol. O tempo não esbateu este problema, pelo contrário, aumentou a sua magnitude conforme ambos os clubes se foram tornando ganhadores e reconhecidos à escala global. Os tempos de crise não ajudaram particularmente e o cenário actual é o de confundir o Barcelona, cujo lema é “més que un club” (mais que um clube), com os defensores da independência catalã (2013, p. 3 - 4).⁴⁴

Laporta, ex-presidente do clube catalão entre 2003 e 2010, é um forte defensor desta ideia politizada do futebol e ajudou a contribuir para a ideia de que cabe ao clube mais representativo catalão defender a independência da região (2013, p. 5).⁴⁵

O jogador português Luís Figo sentiu na pele esta forte rivalidade, quando em 2000, enquanto capitão do Barcelona, decidiu transferir-se para o Real Madrid. Rapidamente se tornou em alguém não desejado na Catalunha e foi visto como um inimigo da região. A defesa dos interesses dos clubes por parte dos adeptos e da comunicação social vai ao ponto de os interesses individuais dos jogadores serem transformados numa questão clubista demasiado importante para ser desprezada (2013, p. 13).⁴⁶

Figo foi alvo da ira dos adeptos, também em parte graças à actuação dos jornais de Barcelona. Lowe defende que os media espanhóis são “causa e consequência para o aumento das trincheiras” (2013, p. 21).

⁴⁴ “The game comes against a backdrop of economic crisis, failed fiscal negotiations between Barcelona and Madrid, the calling of Catalan elections and talk of a referendum on independence (...) Almost 100,000 people will hold up yellow and red cards, covering the entire stadium. Some call for fans to carry the Catalan independence flag, adorned with a star, and those who say they will include Joan Laporta, the former Barcelona president.”

⁴⁵ “It’s a sporting confrontation with political connotations. Madrid has always represented Spain and we have always represented Catalonia.”

⁴⁶ “There’s a mutual dependency that is a mutual fear and loathing. It wasn’t only a pig’s head thrown at Luis Figo when he crossed the divide from Barcelona to Madrid in 2000 – there were bike chains, golf balls, bottles, mobile phones, rocks and screws too.”

Da mesma forma que a vitória de Cristiano Ronaldo na Bola de Ouro de 2013 foi vivida como uma vitória de Portugal, e transformada pelos meios de comunicação social portugueses num feito nacional e uma alegria extensível a todos os cidadãos da nação, os jornais de Madrid transformaram o prémio do jogador madeirense num triunfo do Real Madrid sobre o Barcelona, e sobre a estrela da equipa catalã, o argentino Leonel Messi. Tanto o *As* como a *Marca* deram honras de capa total a Cristiano Ronaldo no dia seguinte à sua consagração:

Figura 17



Fonte: MARCA, 14 Jan. 2014.

Os jornais catalães não reagiram com a necessária imparcialidade pedida a um meio de comunicação social. O *Mundo Deportivo* e o *Sport* não conseguiram dissociar Ronaldo do Real Madrid e optaram por clamar injustiça pelo jogador português ter sido premiado ao invés de Messi, estrela do Barcelona. Uma reacção completamente diferente de quando o argentino se tornou o futebolista mais galardoado com este prémio na história, ao vencer a sua quarta Bola de Ouro consecutiva:

Figuras 18 e 19



Fonte: SPORT, 14 Jan. 2014.



Fonte: SPORT, 08 Jan. 2013.

Esta rivalidade é tudo menos apenas futebolística. Os meios de comunicação social espanhóis, tanto os catalães como os madrilenos, funcionam como uma arma política. Acabam por se tornar num bom exemplo de como os regionalismos e os nacionalismos podem interferir com conceitos como a imparcialidade e a ética jornalística (Lowe, 2013, p. 21 – 22).⁴⁷

Estes funcionam como um excelente exemplo de sensacionalismo político misturado no futebol. O exemplo espanhol, do assumir das rivalidades futebolísticas (e políticas), que nos é dado pela *Marca*, *As*, *Sport* e *Mundo Deportivo*, deve ser evitado a todo o custo por parte dos meios de comunicação social portugueses a bem da isenção da classe jornalística em relação aos poderes instalados, tanto a nível desportivo, como político, sob pena de cairmos num fanatismo alastrado à classe dos jornalistas, tornando-se estes em peões no enviesamento dos deveres inerentes à sua própria profissão (2013, p. 21 – 22).⁴⁸

⁴⁷ “Nevermind getting closer to the truth. Together, the two clubs, their fans and the media have created, or tapped into, a kind of footballing fundamentalism.”

⁴⁸ “Those who do not side entirely with them, occupying the same trenches, are dismissed as obviously anti-Madrid or anti-Barcelona. Bias, like beauty, lies in the eye of the beholder.”

Capítulo IV

Globalização e quebra de fronteiras do Nacionalismo

4.1 Clubes do Mundo

O desporto no século XXI ultrapassa todas as fronteiras, atingindo com sucesso estrondoso o estatuto de globalização. Como modalidade favorita da generalidade da população à escala global, o futebol tem o condão de estreitar relações entre povos através dum simples jogo entre duas equipas de onze homens a correrem atrás duma bola. Clubes de carácter nacional, facilmente quebram as fronteiras do espaço e se tornam hoje em dia clubes de expressão mundial, com a ajuda do poder da televisão. São verdadeiras empresas globais, com aficionados em todo o mundo e não apenas na sua cidade ou no seu país de origem (Armstrong et al., 2001, p. 11):

“The increase in television ownership and the increasing centrality of sports coverage within broadcast schedules heightened this already manifest tendency away from the «local».”

Gary Armstrong e Richard Giulianotti, dão exemplos de clubes britânicos de referência para este fenómeno crescente a nível mundial. Estes não são já apenas clubes que se resumem ao seu espaço geográfico, mas conseguem expandir as suas fronteiras com uma facilidade impressionante, algo que parecia impossível em meados do século XX. Segundo os autores, isto deveu-se ao sucesso que estas colectividades lograram alcançar no final dos anos 60 (2001, p. 11).⁴⁹

As vitórias, tanto a nível nacional como europeu, transformaram o Manchester United num clube mais global, de tal forma que já não é apenas o

⁴⁹ “(...) by the end of the 1960’s, clubs such as Glasgow Celtic, Glasgow Rangers and Manchester United emerged not only as “national clubs”, but, facilitated by success in European competition, as clubs with international reputations and fledging global fan bases.”

clube principal e mais representado a nível de aficionados em Manchester, é uma das marcas mais fortes a nível global (2001, p. 11).⁵⁰

É este mundo globalizado que coloca cada vez mais pressão sobre os nacionalismos no desporto. O que impede uma pessoa de outra nacionalidade que não a portuguesa de assistir a um encontro entre uma equipa portuguesa e uma equipa do seu país, com comentários em português? Da mesma forma que nada impede um cidadão português de escolher este mesmo Manchester United como o seu clube de preferência, ao invés de qualquer outro clube português. Com a evolução da internet, é possível uma pessoa estar num canto do planeta, a ver um jogo de futebol disputado noutro, em directo e sem qualquer tipo de constrangimentos. As barreiras diminuíram, as distâncias encurtaram-se e ver um jogo duma equipa inglesa, italiana, espanhola, francesa...é tão acessível e cómodo como ver um jogo do campeonato português de futebol.

Não será um direito do espectador, pedir isenção a quem está a narrar o jogo? É esta a questão que se pretender discutir neste capítulo, demonstrando os vários constrangimentos a um tipo de jornalismo mais patriótico que existem actualmente. António Marques, no seu artigo sobre o *Espectáculo desportivo na sociedade globalizada*, cita Davies (*Sport, citizenship and development: challenges and opportunities for sports sponsors*) para provar que o futebol escapa à crítica vulgar ao fenómeno da globalização (*cit. in*, Marques, 2006):

“Como poucas actividades, o desporto tem explorado desde o início o potencial da globalização. E, contrariamente ao que tem acontecido em outros domínios, o desporto tem escapado incólume às ondas de protesto público associados à globalização, à excepção de algumas campanhas de activistas contra produtos comerciais”

⁵⁰ Idem, Ibidem. “Manchester United currently has some 203 official supporters’ branches, twenty-five of which are located overseas. In order to serve such a globally dispersed fan base the club has self-consciously sought to promote themselves as a global brand. The club already has an extensive retail and merchandising network throughout the UK and Ireland, and plans to open a further three merchandising megastores in Singapore, Kuala Lumpur and Dubai.”

O autor foca um aspecto importante para esta discussão, que é a crescente migração (2006).⁵¹

Ainda segundo as palavras de Davies, o desporto, encabeçado pelo fenómeno mundial que é o futebol, funciona como um elemento aglutinador dos vários povos à esfera mundial (2006).⁵²

O autor brasileiro Fernando Vannier dos Santos Borges, na sua tese de mestrado sobre o futebol e este galopante fenómeno de globalização, procura clarificar o porquê das tensões entre o tradicional e a modernidade. Este autor tenta explicar o porquê da passagem dos clubes do “local” para o “global”. Na sua opinião, os clubes de futebol são também empresas, o que facilita o processo em larga escala (2009, p. 96):

“E os clubes, por serem eles também empresas, buscam se tornar independentes do local, a princípio uma coisa estranha de se pensar (uma vez que a sua torcida é local), está começando a tomar forma.”

O autor cita Zygmunt Bauman para explicar a “guerra de independência em relação ao Estado” que foi travada pelos clubes/empresas, no último quarto do século XX (cit. in, Borges, 2009, p. 96).⁵³

Bauman entende que o Mundo é movimento. Num momento podemos estar num local e no momento seguinte estarmos noutra a milhares de quilómetros de distância. E nem é preciso fazer qualquer deslocação, através da internet

⁵¹ “Vários aspectos caracterizam a expressão global do desporto: Os movimentos internacionais de pessoas, que incluem deslocações de espectadores e de trabalhadores ligados às profissões do desporto. As migrações de atletas, treinadores e cientistas do desporto entre nações, continentes e hemisférios é um aspecto marcante do desporto no final do século 20.”

⁵² “(...) o desporto é talvez(...) o domínio mais universal da cultura, anulando barreiras culturais como a língua, a religião, as fronteiras geográficas, ou as manifestações de nacionalismo. Aproximando participantes e espectadores de todo o mundo nas suas paixões, obsessões e desejo de vencer. A mobilidade de atletas e dos adeptos e a capacidade de retransmissão das manifestações desportivas para todo o mundo são aspectos da globalização que estão a mudar a paisagem do desporto.”

⁵³ “O que aconteceu no decorrer dessa batalha foi a libertação dos centros de decisão de qualquer amarra à localidade. Diferente dos empregados e fornecedores, os accionistas são os únicos que não estão presos ao espaço onde se situa a empresa, e como só a eles pertence a companhia, é sua decisão escolher realocar os investimentos

e/ou da televisão, qualquer pessoa pode, mesmo no conforto do seu sofá, viajar para um qualquer espaço estrangeiro “na velocidade de um aperto de botão”. Esta facilidade de deslocação quebrou as barreiras do espaço físico e fez com que a distância deixasse de ser um problema. Estar em Portugal, a acompanhar um jogo disputado na China, por exemplo, em directo, é a prova da evolução da globalização à escala mundial. Por isso mesmo, Bauman defende que “as fronteiras naturais já não existem” (cit.in, Borges, 2009, p. 99).

Um exemplo prático da globalização acelerada do futebol é a equipa do Arsenal, outrora um fiel representante do “kick and rush”, estilo de futebol tipicamente britânico, e que hoje em dia é um dos casos mais flagrantes de equipa que, mesmo mantendo os laços e vínculos à cidade de Londres e à nação inglesa, optou por globalizar a sua marca e internacionalizar o seu futebol (Borges, 2009, p. 107 – 108).⁵⁴

Esta opção é sempre tomada tendo em vista o incremento da marca do clube, mas também os resultados desportivos. As melhores equipas europeias são actualmente equipas à escala mundial, por razões económicas. Ao pertencerem a uma liga mais forte, possuem mais meios financeiros para atrair os melhores jogadores de campeonatos mais fracos, o que leva naturalmente a um aumento de futebolistas estrangeiros nas melhores equipas europeias.

Os adeptos dos clubes de campeonatos financeiramente mais fortes passaram a ter uma “visão global” das suas equipas. Isto implica que as rivalidades não se remetam exclusivamente ao mercado nacional. Um adepto do Manchester United, por exemplo, verá hoje em dia o Bayern de Munique, o Real Madrid, a Juventus ou o Barcelona como rivais directos, algo que não acontecia antes deste fenómeno de globalização.

de lugar. A empresa é livre para se mudar, mas quem fica para lidar com os danos da debandada são as pessoas que estão presas ao local.”

4.2. O factor Emigração

Outro constrangimento aos nacionalismos no desporto reside nos emigrantes. Muitos emigrantes portugueses têm um clube da sua preferência no seu país de origem (Portugal), mas naturalmente ganham carinho por um clube do seu país de acolhimento. Gera-se uma espécie de factor duplo. Por um lado, os emigrantes contribuem para o quebrar das barreiras do nacionalismo, ao optarem por clubes estrangeiros mas, por outro lado, também são eles quem vive com mais fervor os feitos dos clubes nacionais, como se estes fossem também um representante da pátria que os emigrantes foram forçados a abandonar, em busca de uma qualidade de vida melhor.

Segundo um estudo de 2010, elaborado pela Fundação Vox Populi, intitulado *Estudo das Comunidades Portuguesas no Estrangeiro - França*, é nos “três grandes” do futebol português que continuam a recair as preferências dos emigrantes franceses, na hora de se associarem ao clube. Mas os clubes locais vêm ganhando crescente protagonismo a nível de adeptos e simpatizantes (2010, p. 40):

“Os clubes de futebol que comportam mais sócios são, à semelhança do que acontece no país, o Porto, o Sporting e o Benfica, os três grandes. Nos simpatizantes, há mais variedade e, também, mais clubes franceses.”

As conclusões deste estudo indicam que os emigrantes mais velhos não se sentirão nunca franceses, pois passaram a sua juventude em Portugal e estão “presos aos cafés, esquinas e às paisagens das suas aldeias” (2010, p. 19). No caso dos emigrantes mais novos, estes encontram-se sempre divididos entre Portugal e França mas, segundo o estudo, já se sentem mais franceses que portugueses:

⁵⁴ “Nos últimos anos, a Inglaterra viu casos extremos, onde o Arsenal entrou em campo, com o onze inicial, os jogadores no banco de reserva e o treinador sem que nenhum deles fosse inglês.”

Este indica ainda a existência de uma “geração perdida para Portugal”, e que se sente esquecida pelo seu país de origem, que não lhes permitiu terem uma vida de qualidade no local onde nasceram, pelo que tiveram de procurar um mundo melhor em França, país que os acolheu e deu tudo. (2010, p. 19).

No entanto e curiosamente, é o futebol quem gera maior sentimento de pertença a Portugal e orgulho no seu país de origem. As vitórias da selecção nacional e dos clubes portugueses na Europa reafirmam esse orgulho e reforçam os elos de ligação entre os portugueses emigrados e a sua pátria. É através dos feitos desportivos que se “exprime a emoção da pertença à tribo portuguesa” (2010, p. 19).

O FC Porto é o clube de preferência dos emigrantes portugueses em França. O que não é de estranhar, tendo em conta que é o clube mais ganhador nas últimas décadas em Portugal. São as vitórias que mantêm o orgulho nacional nos cidadãos emigrados da pátria. São elas o combustível para uma resistência a um apego menor ao país de origem, e maior ao país que os recebeu:

Quadro 3

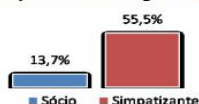
Clubes de Preferência dos Emigrantes Portugueses

7 – Relação com Portugal

7.15 – Comunidade Portuguesa em França e o Futebol

Mais de 2/3 são sócios ou simpatizantes de um clube de futebol. Futebol Clube do Porto é o preferido

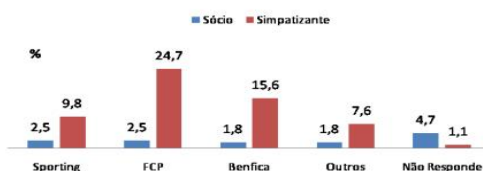
É sócio ou simpatizante de algum clube de futebol?



Base: Totalidade dos Individuos

Falando de futebol, os números não mudam muito na qualidade de sócio, mas mais de metade é simpatizante de algum clube de futebol.

Clubes que são sócios ou simpatizantes



Base: Totalidade dos Individuos

Os clubes de futebol que comportam mais sócios são, à semelhança do que acontece no país, o Porto, o Sporting e o Benfica, os três grandes.

Nos simpatizantes, há mais variedade e, também, mais clubes franceses. O top 3 continua a ser o mesmo mas em primeiro lugar surge o Futebol clube do Porto com 1/4 da comunidade portuguesa em França, seguido do Benfica com 16% e o Sporting com 10%.

Os emigrantes acabam por ter uma visão diferente do jogo. Quando uma equipa portuguesa se desloca ao seu país de acolhimento, imediatamente se torna numa oportunidade de convivência com outras pessoas do mesmo país. Transforma-se numa oportunidade única de celebrar o país de origem (Borges, 2009, p. 116).⁵⁵

O dogma da nacionalidade acaba por ser questionado apenas quando somos confrontados com uma realidade nova. A mudança de país leva-nos a questionar o que sempre demos por garantido, através do nascimento, o sermos pertença de um determinado país. Mas esta ideia pode não ser definitiva (cit. in, Borges, 2009, p. 7).⁵⁶

Bauman defende que a identidade é uma tarefa. Não é real, mas antes uma ideia que nos é implantada desde muito novos, através da ilusão e da coação. Este processo é assimilado natural e instintivamente, sem que o ser humano se aperceba da manipulação a que está a ser sujeito. Esta ideia de que somos todos do país em que nascemos e a identificação que surge com a mesma, não é natural e acaba por ser eventualmente questionada (cit. in, Borges, 2009, p. 7).⁵⁷

Segundo um estudo do Observatório do Emprego e Formação Profissional, em 2008, cerca de 567 mil portugueses viviam em França, 218 mil nos Estados Unidos da América e cerca de 214 mil no Brasil, num total de mais de um milhão e meio de portugueses emigrados. É natural que as novas gerações sejam impelidas a questionar esta convenção.

⁵⁵ “Em termos de associação, podemos evidenciar três transformações. Em primeiro lugar, os migrantes gostam de ter dois diferentes tipos de relação: um com os outros torcedores que encontram ao assistirem jogos, e outro com raízes no país de acolhimento, diferente do seu país natal, onde ambos são um grupo só.”

⁵⁶ “Muitos passam pela vida sem entrar em contacto com alguma comunidade fundida por ideias. Nesse caso, as suas identidades são definidas pelas condições de nascimento e por parâmetros locais. Uma pessoa nascia e morria dentro dessa rede de familiaridade sem nunca ter a sua identidade questionada, muito menos negociada. Apenas quando se entra em contacto com as comunidades de destino é que se torna pertinente a pergunta “quem sou eu?” ou “quem é você?”, pois só quando existe a possibilidade de escolha é que esse questionamento é possível.”

⁵⁷ “A severidade das exigências era um reflexo da endémica e incurável precariedade do trabalho de construir e manter a nação. Permitam-me repetir: a “naturalidade” do processo de que “pertencer por nascimento” significava,

O futebol não é exceção, provocando novas simpatias nos portugueses emigrados, por entre clubes estrangeiros. O jornalista, ao tomar partido por um clube em detrimento do outro, sob a justificação do patriotismo, corre o risco de estar a faltar ao respeito também aos emigrantes portugueses, que normalmente têm mais que um clube. Imaginemos o cenário de um português que apoia em igual medida o Olympique de Marselha e o Benfica. Se o clube marselhês defrontar o Sporting ou o FC Porto numa partida das competições europeias, é natural que este torça contra o clube português.

Pode-se dar até o caso de o adepto só apoiar a equipa francesa. Um exemplo é o segundo maior goleador da história da selecção nacional, Pedro Pauleta, com 47 golos em 88 internacionalizações por Portugal. O ex-avançado açoriano, que nunca jogou oficialmente na primeira divisão do campeonato português, fez carreira no estrangeiro, nomeadamente no Deportivo da Corunha (ao serviço do qual se sagrou campeão espanhol), no Bordéus e no Paris Saint Germain (vulgarmente conhecido como PSG). Quando o sorteio dos oitavos de final da Liga Europa 2010/2011 ditou que Benfica e PSG se iriam defrontar, Pedro Pauleta, à época embaixador do clube francês, foi questionado sobre por quem iria torcer e, apesar de fazer a ressalva de que gostava que as equipas portuguesas todas tivessem sucesso na prova, isso entrou em contradição com o seu desejo principal (Lusa, 2011):

“Gostava que o PSG ganhasse, por ser embaixador da equipa e porque aprendi a gostar deste clube.”

O ex-internacional português adiantou ainda ser “adepto do PSG”, pelo que não tinha dúvidas sobre a sua preferência em ver o Benfica eliminado da prova em favor do seu clube.

automática e inequivocamente, pertencer a uma nação foi uma convenção arduamente construída – a aparência de “naturalidade” era tudo, menos “natural.”

4.3. Clubes portugueses / atletas estrangeiros vs. clubes estrangeiros / atletas portugueses

Os maiores clubes nacionais investem cada vez mais em jogadores estrangeiros de preço mais baixo. FC Porto, Benfica e Sporting chegam a utilizar mais jogadores brasileiros ou argentinos do que propriamente portugueses, tendo-se dado já o caso de actuarem pontualmente sem qualquer português nas suas fileiras. Num mundo global, é possível hoje em dia encontrarmos equipas estrangeiras que alinham com mais futebolistas portugueses que os próprios clubes nacionais.

O que leva um jornalista, à luz destes dados, a tomar o partido dum clube nacional em detrimento dum clube estrangeiro? É uma pergunta válida, com várias respostas possíveis. A identificação causada pela partilha do mesmo país com os adeptos desse clube, pode ser uma opção. O facto do clube português ser constituído maioritariamente por jogadores portugueses é que já não pode ser dado como explicação para este acontecimento (Borges, 2009, p. 14).⁵⁸

O clube português representar Portugal funciona como um destes estereótipos. Como poderemos explicar doutra forma o apoio inequívoco dado pelos media aos clubes portugueses, quando estes possuem menos futebolistas naturais do seu próprio país que a colectividade presente do outro lado do campo? Apesar de serem formações estrangeiras, estas estão por vezes repletas de futebolistas portugueses. Não justificaria isto pelo menos um motivo para alguma ponderação do lado dos meios de comunicação social, na hora de torcerem conscientemente por uma equipa ao invés da outra?

Tomemos um exemplo prático. A 01 de Novembro de 2011, o Futebol Clube do Porto defrontou a equipa cipriota do Apoel Nicósia, para a fase de grupos

⁵⁸ “(...) é preciso entender que os estereótipos facilitam o processo de troca de mensagens. Eles trazem ideias prontas e pré-concebidas a certos personagens ou cenários.”

da Liga dos Campeões de Futebol. A equipa portuguesa alinhou com três jogadores de origem portuguesa, João Moutinho, Silvestre Varela e Rolando, enquanto a equipa do Apoel apresentou igualmente três futebolistas portugueses, no caso Paulo Jorge, Hélio Pinto e Nuno Morais.

Quadro 4

Ficha de jogo (Apoel – FC Porto)

APOEL		Porto	
78	Urko Pardo (GK)	1	Helton (GK) (C)
3	Paulo Jorge	5	Álvaro Pereira
6	Marcelo Oliveira	7	Fernando Belluschi 76
7	Savvas Poursaitides 62	8	João Moutinho
8	Alton 42 77	11	Kléber
10	Constantinos Charalambides (C) 90+2	12	Hulk 89
11	Ivan Tričkovski 85	13	Jorge Fucile
21	Gustavo Manduca 76 90 90+1	14	Rolando
23	Hélio Pinto	17	Silvestre Varela 3 80
26	Nuno Morais	22	Eliaquim Mangala 42
77	Athos Solomou	25	Fernando 60

Fonte: UEFA, 01 Nov. 2011.

A mesma igualdade no número de atletas naturais de Portugal verificou-se no jogo da primeira volta, quando os portugueses receberam os cipriotas no jogo realizado no Estádio do Dragão. Dois futebolistas portugueses de cada lado estiveram em representação das respectivas equipas. O jornal *Abola*, na capa do dia seguinte ao encontro, não deu qualquer relevo à prestação dos representantes portugueses na formação cipriota, que conseguiram arrancar um empate a uma bola. Pelo contrário, toda a atenção foi dada ao FC Porto e aos erros cometidos pelos azuis e brancos, que o jornal considerou terem estado “irreconhecíveis”, razão pela qual o Apoel logrou conseguir um resultado positivo:

Figura 20



Fonte: ABOLA, 20 Out. 2011.

Curiosamente, *Abola* que não faz qualquer referência ao mérito das exibições de Nuno Morais e Hélio Pinto, titulares nesse encontro, arranjou um espaço na capa para destacar que Raul Meireles tinha brilhado pelo Chelsea nessa mesma jornada.

O jornal on-line português *Maisfutebol* vai mais longe na crónica ao jogo disputado no Chipre, que o FC Porto perdeu por 2-1. Paulo Jorge, Hélio Pinto e Nuno Morais são ignorados durante todo o texto, não lhes sendo reservada uma única linha, fosse para elogiar ou para criticar o comportamento dos três jogadores portugueses na histórica vitória do Apoel sobre o FC Porto, bicampeão da Europa. O jornalista que assina a peça opta por fazê-lo sempre do lado dos interesses dos portistas, começando logo a falar em “pesadelo” (Maisfutebol, 2011):

“E continua o pesadelo! Apático primeiro, intranquilo e sem rumo depois, o F.C.Porto voltou a perder na Liga dos Campeões. A derrota em Nicósia, diante do Apoel (2-1), foi a primeira de uma equipa portuguesa frente a adversários cipriotas e deixa a equipa de Vítor Pereira em muito maus lençóis (...)”

O destaque vai para o aspecto negativo da equipa portuguesa, com a curiosidade de ter sido introduzido o facto de esta ter sido a primeira equipa

nacional a perder contra cipriotas. Uma afirmação de que se tratou de uma espécie de vergonha nacional, daí o tal pesadelo que este resultado inflingiu na equipa, que alinhou com três portugueses de início, tantos quantos a equipa cipriota. O jornal continua a sua crónica a falar em termos cataclísmicos e até consegue transformar um penalty “cavado” por James Rodriguez, ou seja inexistente, em algo positivo à altura, pois tornava “possível uma fuga ao inferno” (Maisfutebol, 2011), uma forma simpática de dizer que o erro do árbitro tornava possível naquela altura do encontro que a equipa portista escapasse com um empate e um ponto somado (Borges, 2009, p. 108).⁵⁹

A 04 de outubro de 2012, o Sporting Clube de Portugal deslocou-se à Hungria para defrontar o Videoton, em encontro a contar para a segunda jornada da fase de grupos da Liga Europa. Novamente frente a frente esteve igual número de futebolistas portugueses, com dois de cada lado (Filipe Oliveira e Marco Caneira do lado dos húngaros e Rui Patrício e André Martins do lado dos “leões”). Nesta partida, deu-se também a curiosidade de ambos os treinadores partilharem a nacionalidade portuguesa, tratando-se no caso em questão dos ex-futebolistas internacionais Paulo Sousa (Videoton) e Ricardo Sá Pinto (Sporting). No, à época, campeão húngaro entrou ainda em campo um jogador brasileiro emprestado pelo Sporting, Renato Neto, que fez os quatro últimos anos da sua formação no clube lisboeta:

⁵⁹ “(...) a globalização apresenta uma série de fenómenos que parecem ser contraditórios, mas que na realidade são as duas faces de uma mesma moeda. A relação entre o que é da esfera global e a esfera local é mais uma dessas dualidades.”

Quadro 5

Ficha de Jogo (Videoton – Sporting)

Videoton		Sporting	
27	Mladen Božović (GK)	1	Rui Patrício (GK)
2	Álvaro Brachi	6	Khalid Boulahrouz 71
3	Paulo Vinícius 15	7	Jeffren Suárez
4	Marco Caneira	10	Marat Izmailov
11	György Sándor (C)	15	Marcos Rojo
14	Nikola Mitrović	16	Valentin Viola
16	Filipe Oliveira 21	20	Zakaria Labyad 48
17	Nemanja Nikolić 35 36 78	21	Fabián Rinaudo (C) 30
20	Walter Lee 88	28	André Martins
22	Stopira 89	30	Danijel Pranjić
26	Balázs Tóth	88	Gelson Fernandes
Substitutes			
12	Tomáš Tujvel (GK)	12	Marcelo (GK)
10	Renato Neto 89	3	Daniel Carriço
23	Kaká	8	Stijn Schaars 46
24	Héctor	9	Ricky van Wolfswinkel 30

Fonte: UEFA, 04 Out. 2012.

A crónica ao jogo por parte do *Maisfutebol* (2012) manteve a tendência do jogo do FC Porto com o Apoel Nicósia. O termo mais repetido foi novamente “pesadelo”. O jornal limitou-se a analisar o jogo pela perspectiva do Sporting que “realizou uma primeira parte de pesadelo”, que lhe valeu uma “pesada derrota por 3-0 na Hungria”. O segundo golo da partida foi mesmo marcado pelo futebolista português Filipe Oliveira, algo que passou ao lado do essencial para o jornal, que se limitou a informar que “Filipe Oliveira aumentou a diferença, com uma boa cabeçada após cruzamento na direita”. Também o jornal *Abola* e o jornal *Record* fizeram o rescaldo ao jogo com os interesses do Sporting em mira, ignorando o resultado fantástico conseguido pelo treinador Paulo Sousa ao serviço duma equipa muito mais modesta e com um orçamento muito mais baixo que os “leões”, preferindo dar destaque ao fracasso de Sá Pinto, que estava perto de ser despedido do comando técnico da equipa portuguesa:

Figuras 21 e 22



Fonte: ABOLA, 05 Out. 2012.



Fonte: RECORD, 05 Out. 2012.

Abola fala em “jogo horrível” por parte do Sporting e refere que “o Sporting já aguentou Sá Pinto até ao limite do possível”. O *Record* opta por uma fotografia do treinador isolado no relvado e faz um trocadilho com o seu nome e a sua iminente saída do comando técnico “Sai Pinto”. Em nenhum dos casos se vislumbra qualquer tipo de referência aos portugueses envolvidos no encontro, por parte do Videoton, que foi quem surpreendentemente venceu o jogo por três golos sem resposta. O papel de Paulo Sousa não é sequer enaltecido. A única referência feita ao clube húngaro, que utilizou o mesmo número de jogadores portugueses que o Sporting, é uma declaração de Marco Caneira (ex-futebolista do clube leonino) a apelidar a situação do Sporting de “vergonhosa”.

“Do ponto de vista dos sujeitos em causa, a consciência de pertença a um determinado país exprime-se por meio de uma ideia que se poderia traduzir na frase «nós somos; os outros são estrangeiros».”

Esta citação de José Mattoso (1998, p. 13) ajuda a compreender este fenómeno. Neste caso, os clubes portugueses são o representante nacional. Os jogadores portugueses a alinharem no estrangeiro, por seu lado, não passam dos “outros”. São os “estrangeiros”. É desta forma que o jornalista

justifica a diferença de tratamento dado ao colectivo em oposição com o individual. O que conta, no fundo, é a ideia de colectivo nacional.

Conclusão

O nacionalismo, como factor de exaltação dos sentimentos gregários duma comunidade, que começou a ser consciencializado e teorizado a partir do séc. XVIII e da revolução francesa, por vezes assumindo a natureza de patriotismo e assumindo noutras ocasiões a veste dum regionalismo, representa um obstáculo ao exercício isento da função jornalística, mais evidenciado no âmbito do jornalismo desportivo.

Analisando a cobertura desportiva dos eventos em que intervêm representantes nacionais em competição com estrangeiros - de que são expoente máximo as competições de futebol profissional em que a selecção nacional defronte congéneres doutros países - conclui-se que em nome do denominado 'superior interesse nacional' e toldado pelos ditames culturalmente adquiridos dum nacionalismo exacerbado, o jornalismo desportivo se demite por completo da sua função de fazer chegar ao público informação objectiva sobre o facto noticiado, transformando-se em instrumento de propaganda da acção dos representantes nacionais, escondendo, ou pelo menos omitindo, as suas falhas, abstendo-se de enaltecer as qualidades dos adversários ou, na maior parte das vezes, nem sequer abordando a actividade igualmente meritória do opositor, empenhando-se de forma assumidamente parcial em traduzir a visão do evento que é mais conveniente às cores nacionais.

Se assim é no que respeita aos representantes nacionais, o problema atinge maior aberração e mais difícil explicação quando se trata de narrar eventos em que intervêm clubes nacionais em confronto com clubes estrangeiros, nos quais os jornalistas assumem que corresponde ao sentir nacional a exaltação clubista da equipa desportiva que está sedeadada em Portugal.

Esta forma parcial de narrar eventos desportivos não só tem por base a errada noção de dever nacionalista já abordada no que respeita às selecções

nacionais, como também radica em vários erros sobre o que sejam os interesses nacionais, nomeadamente: a) ignorar que a informação que o jornalista produz, devido à globalização, não tem como destinatários apenas (nem sequer preferencialmente) cidadãos nacionais; b) ignorar que os clubes desportivos sediados em Portugal não têm necessariamente uma maioria de capitais nacionais; c) ignorar que, na composição das equipas em confronto, a nacionalidade dos intervenientes (jogadores, técnicos, treinadores) não tem qualquer correspondência com o país onde o clube está sediado; d) ignorar que, ainda devido à globalização, muitos cidadãos nacionais são aficionados de clubes estrangeiros e não (não sempre) dos clubes portugueses.

O nacionalismo é um obstáculo arcaico à globalização e representa um sério constrangimento ao desenvolvimento duma informação que se pretende livre, isenta, crítica e responsável. Como tal, deve ser erradicado da prática jornalística.

Bibliografia

- AGOSTINHO, Gilberto. *Vencer ou Morrer: Futebol, Geopolítica e Identidade Nacional*. Rio de Janeiro: Faperj e MAUAD Editora (co-edição), 2002. ISBN 85-7478-068-5
- ANDERSON, Benedict. *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*. Londres: Verso, 1983. ISBN 978-1844670864.
- ARMSTRONG, Gary e GIULIANOTTI, Richard. *Fear and Loathing in World Football*. Nova Iorque: Bloomsbury Academy, 2001. ISBN 85973-463-4.
- BAUMAN, Zygmunt. *Globalização: As consequências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. ISBN 978-8537808511.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. ISBN 978-8537807736.
- BORGES, Fernando Vannier dos Santos. *Futebol e globalização: tensões entre modernidade e tradição*. Coimbra, 2009.
- COELHO, João Nuno. Vestir a camisola jornalismo desportivo e a seleção nacional de futebol. *Media e Desporto*. ISSN: 1645-5681. 4:4 (2004) 27-39.
- GELLNER, Ernest. *Culture, Identity and Politics*. Cambridge: Berghahn Books, 1987. ISBN 978-052-133-667-3.
- GIULIANOTTI, Richard. Supporters, Followers, Fans, and Flaneurs: A taxonomy of Spectator Identities in Football. *Journal of Sport and Social Issues*. 26 (2002) 25-26.
- GOMES, Rui e FREITAS, Marisa. A construção da Identidade Nacional na imprensa desportiva portuguesa: análise do discurso jornalístico durante o Euro 2000 de futebol. *Revista Digital*. Buenos Aires. 8:48 (2002) 2-8.
- GREENFELD, Liah. *Nationalism: Five Roads to Modernity*. Harvard University Press, 1992. ISBN 0-674-60319-2
- LOWE, Sid. *Fear and Loathing in La Liga: Barcelona vs Real Madrid*. Londres: Yellow Jersey Press, 2013. ISBN 978-022-409-178-7.
- MARQUES, António. Espectáculo desportivo na sociedade globalizada. *Revista brasileira Educação Física e Esporte*. São Paulo. 5 (2006) 25-28.
- MATTOSO, José. *A Identidade Nacional*. Lisboa: Gradiva Publicações, 1998. ISBN 972-662-604-8.
- O'DONNELL, Hugh. Mapping the Mythical: A geopolitics of National Sporting Stereotypes. *Discourse and Society*. 5:3 (1994) 345-380.
- PEREIRA, Alexandre e POUPA, Carlos. *Como Escrever uma Tese*. Lisboa: Edições Sílabo, 2003. ISBN 972-618-307-3.
- ROWE, David – Sport and the repudiation of the Global. *International Review for the Sociology of Sport*. Los Angeles. 38 (2003) 281-294. ISBN 978-141-291-953-1.
- SANTOS, Ana – Narrativas da Nação proporcionadas pelos seus heróis. *IV Congresso Português de Sociologia*. (2000)

SMITH, Anthony. *Nacionalism: Theory, Ideology, History (Polity key Concepts in Social Sciences series)*. Cambridge, 2010. ISBN 978-0-7456-52187-9

Documentos Electrónicos

ABOLA. [Em linha]. Disponível em <<http://www.abola.pt/>>. [Consultado em 16/10/2013].

CRUZ, Manuel Braga da. Nacionalismo e Patriotismo na Sociedade Portuguesa Actual - Alguns Resultados de Um Inquérito [Em linha]. 1989. Disponível em <<http://comum.rcaap.pt/handle/123456789/3012>>. [Consultado em 10/10/2013].

DAILY MAIL. The List: The greatest rivalries in club football, Nos 30-21 [Em linha]. 2009. Disponível em <<http://www.dailymail.co.uk/sport/football/article-1213638/THE-LIST-The-greatest-rivalries-club-football-Nos-30-21.html>>. [Consultado em 15/11/2013].

ESPN. Football Rivalries. [Em linha]. 2010. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=NKIXcPJO-7Y>>. [Consultado em 10/11/2013].

FOOTBALLDERBIES. [Em linha]. Disponível em <<http://www.footballderbies.com/>>. [Consultado em 24/10/2013].

FUNDAÇÃO VOX POPULI. Estudo das Comunidades Portuguesas no Estrangeiro – França. [Em linha]. 2010. Disponível em <https://www.google.pt/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CC4QFjAA&url=http%3A%2F%2Fwww.fvp.pt%2Fedicoes%2Fimagens%2F%40ficheiros%2F2725_Portugueses%2520e%2520Luso-descendentes%2520em%2520Franca%25202010.pdf&ei=jleGU-bELuK47Qa4zYGIBg&usq=AFQjCNENYH2OpGxGO25NyDB5MAnWtaZjjw>. [Consultado em 22/12/2013].

JORDAN, Andrew. The 10 best Rivalries in European football. *Bleacher Report* [Em linha]. 2009. Disponível em <<http://bleacherreport.com/articles/221978-ten-best-rivalries-in-european-football>>. [Consultado em 11/11/2013].

HELAL, Ronaldo. Futebol Cultura e Cidade [Em linha]. Disponível em <http://www.ludopedio.com.br/rc/upload/files/052942_5.pdf>. [Consultado em 26/09/2013].

MACHADO, Igor José de Reno. Futebol, Clãs e Nação [Em linha]. Rio de Janeiro: Dados, 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52582000000100006&lng=en&nrm=isso>. [Consultado em 13/09/2013].

MAISFUTEBOL. [Em linha]. Disponível em <<http://www.maisfutebol.iol.pt/>>. [Consultado em 13/10/2013].

OJOGO. [Em linha]. Disponível em <<http://www.ojogo.pt/>>. [Consultado em 16/10/2013].

RECORD. [Em linha]. Disponível em <<http://http://www.record.xl.pt/>>. [Consultado em 17/10/2013].

SANTOS, Ana. Narrativas da Nação proporcionadas pelas vitórias desportivas e seus heróis [Em linha]. Coimbra, 2000. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10400.5/1609>>. [Consultado em 08/10/2013].

SAPO. Oceano de Histórias – Amaranal. [Em linha]. 2014. Disponível em <<http://videos.sapo.pt/9VRhTTn7bllZQs6mpBze>>. [Consultado em 18/11/2013].